

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

**AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS ENTRE PROFESSOR E
ESTUDANTE ADOLESCENTE SUSTENTADAS NO
REFERENCIAL DA COMUNICAÇÃO TERAPÊUTICA:
PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES**

**CURITIBA
2006**

HELLEN ROEHRS

**AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS ENTRE PROFESSOR E
ESTUDANTE ADOLESCENTE SUSTENTADAS NO
REFERENCIAL DA COMUNICAÇÃO TERAPÊUTICA:
PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Enfermagem, do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Área de Concentração - Prática Profissional de Enfermagem, na linha de pesquisa Políticas e Práticas de Saúde, Educação e Enfermagem – Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná,

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Mariluci A. Maftum

**CURITIBA
2006**

ROEHRS, Hellen

As relações interpessoais entre professor e estudante adolescente sustentadas no referencial da comunicação terapêutica: percepções dos professores / Hellen Roehrs. Curitiba, 2006.

91f.

Orientadora: Profa. Dra. Mariluci Alves Maftum

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Setor de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Paraná.

1. Enfermagem. 2. Estudante. 3. Adolescente. 4. Comunicação Terapêutica. 5. Relações Interpessoais. I. Título. II. MAFTUM, Mariluci Alves.


NLM WY 160

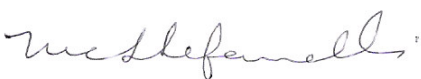
TERMO DE APROVAÇÃO

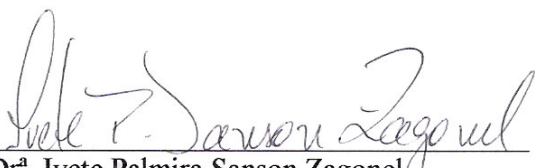
HELLEN ROEHRS

AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS ENTRE PROFESSOR E ESTUDANTE ADOLESCENTE SUSTENTADAS NO REFERENCIAL DA COMUNICAÇÃO TERAPÊUTICA: PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau Mestre – Área de Concentração – Prática Profissional de Enfermagem – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora: 
Prof^ª. Dr^ª. Mariluci Alves Maftum
Presidente da Banca: Universidade Federal do Paraná – UFPR


Prof^ª. Dr^ª. Maguida Costa Stefanelli
Membro Titular: Universidade de São Paulo – USP


Prof^ª. Dr^ª. Ivete Palmira Sanson Zagonel
Membro Titular: Universidade Federal do Paraná – UFPR

Curitiba, 14 de Dezembro de 2006

Dedicatória

*À minha mãe Icléia e ao meu pai Landri pelo amor,
exemplo de vida e dignidade.*

*A meu esposo Leandro e minha filha Julia, pois sempre
me fortalecem com seu carinho e energia
e pela compreensão dos sacrifícios do
convívio familiar impostos pela
construção da dissertação.*

*A toda minha família que sempre me incentivou
e apoiou nos momentos difíceis e acreditou
em minha determinação.*

AGRADECIMENTOS

Ao iniciar mais esta etapa de minha escalada profissional, tinha a idéia de que era uma tarefa solitária e pessoal. Todavia, a cada passo, esta pesquisa foi ganhando novos atores, sujeitos e co-participantes da realização de meu sonho que agora se materializa. Para tanto, não poderia deixar de destacar alguns agradecimentos.

Agradeço primeiramente a **Deus** que me capacita e sustenta em cada dia de minha caminhada pessoal, profissional e espiritual.

Externo também o meu eterno agradecimento à Professora **Doutora Mariluci Alves Maftum** pela amizade, apoio, compreensão, colaboração e pelas valiosas orientações científicas, profissionais e pessoais recebidas, sem os quais não seria possível a realização deste sonho que hoje se concretiza.

Meu agradecimento às **Professoras Doutoras Maguida Costa Stefanelli, Ivete Palmira Sanson Zagonel, Maria Angélica Waidman e Maria de Fátima Mantovani** por aceitar o convite de compor a banca para a sustentação desta dissertação e pelas contribuições para enriquecimento deste trabalho.

Não poderia deixar de agradecer à amiga de longa data **Professora Msc. Verônica de Azevedo Mazza** pela inestimável contribuição e dedicação em todos os momentos deste trabalho e de minha vida profissional.

Meu reconhecimento à **Pós-Graduação de Enfermagem**, na pessoa da Profa. Dra. Maria de Fátima Mantovani e ao **Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Paraná – UFPR** pela oportunidade do aprendizado e evolução em minha carreira universitária.

Agradeço, de igual forma, à **Profa. Dra. Maria Ribeiro Lacerda**, coordenadora do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Cuidado Humano de Enfermagem – NEPECHE / UFPR e aos demais membros e pesquisadores, pelas orientações científicas recebidas para a realização desta pesquisa.

Gostaria também de agradecer à **Enfermeira Rosane M. Santos**, Chefe da Equipe de Enfermagem da Cirurgia Pediátrica, bem como à **Enfermeira Silvia Secchi**, Coordenadora de Enfermagem do Hospital de Clínicas da UFPR, que tanto me ajudaram durante o período em que realizei meus estudos.

Agradeço, igualmente, à Professora **Enfermeira Ana Amélia** – Coordenadora do Curso Técnico de Enfermagem do colégio onde realizei minha pesquisa e onde ministrei aulas – pela compreensão e apoio durante o período do mestrado, bem como a **todos os colegas professores enfermeiros** que dedicam suas vidas à formação de profissionais de saúde.

Sinto-me grata pela confiança e pelo apoio da **Professora Giovana Marchiori** – diretora do colégio estadual – cenário onde esta pesquisa foi realizada – e aos **professores sujeitos** principais deste trabalho pelo apoio, compreensão e confiança, ao aceitar revelar o seu fazer cotidiano para compartilhar com outros colegas.

Agradeço também às professoras **Luciane, Icléia, Sulamita, Josélia, Roseli, Cidinha, Yloina, Genice, Rejane, Maria Aparecida** e aos Professores **Prigol e Arnaldo** pela excepcional ajuda que possibilitou esse trabalho.

Fico muito agradecida por todos os meus amigos e familiares, pois com eles compartilhei a alegria da aprovação na seleção do mestrado, as incertezas, momentos de dificuldade, satisfações e insatisfações. Neste momento divido a felicidade do objetivo alcançado.

A todos aqueles que, embora não citados, participaram de alguma forma deste trabalho contribuindo para sua conclusão.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

1	INTRODUÇÃO.....	1
1.1	TRAJETÓRIA PROFISSIONAL.....	6
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	9
2.1	O ADOLESCER E SUAS PECULIARIDADES.....	9
2.2	O ADOLESCENTE E SUAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA FAMÍLIA, NA ESCOLA E NA SOCIEDADE.....	13
3	COMUNICAÇÃO TERAPÊUTICA: UM REFERENCIAL TEÓRICO PARA A RELAÇÃO INTERPESSOAL PROFESSOR – ESTUDANTE ADOLESCENTE.....	20
4	METODOLOGIA.....	25
4.1	ASPECTOS ÉTICOS.....	25
4.2	SUJEITOS.....	26
4.3	CENÁRIO.....	27
4.4	OBTENÇÃO DOS DADOS.....	28
4.5	ANÁLISE DOS DADOS.....	30
5	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	32
5.1	CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	32
5.2	O PROCESSO DAS DISCUSSÕES DE GRUPO.....	33
5.3	AS CATEGORIAS TEMÁTICAS.....	35
5.3.1	Adolescência: transição para o mundo adulto.....	35
5.3.2	Adolescer: a busca da identidade como ser humano.....	42
5.3.3	Concepções e composição familiar: do passado à atualidade.....	51
5.3.4	Família: papel e funções.....	58
5.3.4.1	A família como provedora financeira e de cuidados.....	63
5.3.5	A comunicação na relação interpessoal do professor e estudante adolescente.....	69
5.3.5.1	O professor reconhece a função terapêutica de sua comunicação	73
5.3.5.2	A especificidade da comunicação do adolescente.....	78
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
	REFERÊNCIAS.....	84
	ANEXOS.....	89

RESUMO

ROEHRS, H. **As relações interpessoais entre professor e estudante adolescente sustentadas no referencial da comunicação terapêutica: percepções dos professores.** 2006. 91 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Curso de Pós Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com o método descritivo, desenvolvida no período de 2005 a 2006 em uma escola estadual de Curitiba. Teve como questão norteadora: Como os professores percebem as relações interpessoais estabelecidas pelo estudante adolescente? Tendo como objetivos: Apreender como o professor percebe as relações interpessoais que o estudante adolescente estabelece consigo, com sua família e com a comunidade escolar e sensibilizar docentes para efetivas relações interpessoais com o estudante adolescente. Foram onze os participantes: dois vices-diretores, seis coordenadores pedagógicos e três professores. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná. A obtenção dos dados foi mediante a estratégia de Discussão de Grupo, e analisados de acordo com a proposta de Interpretação Qualitativa de Dados de Minayo, organizados nas seguintes categorias temáticas: 1) Adolescência: transição para o mundo adulto; 2) Adolescer: busca da identidade como ser humano; 3) Concepções e composição familiar: do passado à atualidade; 4) Família: papel e funções; 5) A comunicação na relação interpessoal do professor e estudante. Os resultados permitiram captar como os professores vêem, conhecem e compreendem aspectos da adolescência. Em relação ao tema família, os professores reconheceram a importância da mesma para o adolescente. Destacaram que uma comunicação efetiva no ambiente familiar contribui para diminuir problemas comportamentais típicos do adolescente. Identificaram a existência dos diversos tipos de constituição familiar dos alunos. Nas discussões sobre comunicação humana e terapêutica, os professores identificaram o que é uma comunicação efetiva e mostraram-se preocupados em apontar os entraves que surgiam nas suas relações com os alunos. Os docentes consideraram que possuem um papel terapêutico, o que vai ao encontro dos pressupostos iniciais desta pesquisa, de que sua relação com os estudantes, com características positivas, menos conflitiva e fornecedora de confiança, é possível com conhecimento das transformações inerentes à fase da adolescência por parte dos professores. Por outro lado a falta desse conhecimento dificulta um relacionamento interpessoal capaz de promover o bem-estar e todos os outros benefícios inerentes a comunicação.

Palavras-chave: Enfermagem; Estudante; Adolescente; Comunicação Terapêutica; Relações Interpessoais.

ABSTRACT

ROEHRS, H. **The interpersonal relationship between teachers and adolescent students based on the therapeutic communication referential: teachers' perception** 2006. 91 f. Dissertation (Masters in Nursing) – Pos-graduation in Nursing, Federal University of Paraná, Curitiba.

It is a qualitative research, with description method, developed from 2005 to 2006 in a state school in Curitiba. The main question was: How do the teachers perceive the interpersonal relationship established by the adolescent student? Its objective was: To apprehend how the teacher perceives the interpersonal relationships that the adolescent students established with themselves, family and the school community and to sensitize the teaching body for effective interpersonal relationships with the adolescent student. It was eleven participants: two vice-directors, six pedagogic coordinators and three teachers. The project research was approved by the Ethics Committee of Health Sciences Sector of Federal University of Paraná. The gathering data was done by the strategic of group discussion, and analyzed according to the proposal of the Minayo Data Quality Interpretation, organized into the following thematic categories: 1) Adolescence: transition to the adult world; 2) To adolesce: search for the human being identity; 3) Family composition and conception: from past to date; 4) Family: role and function; 5) Communication in the interpersonal relationship between teacher and student. The results enabled to hold on how the teachers see, know and understand the aspects of adolescence. Regarding to the family theme, the teachers recognized its importance to the adolescent. They highlighted that an effective communication in the family environment contributed to decrease behavioral problems, typical of adolescent. It was identified the existence of several constitution family types of the students. In the discussions on human communication and therapeutic, the teachers identified what is an effective communication and showed themselves concerned in point out restraints that would come out in their relationship with the students. The teaching body considered as having a therapeutic role, which meets up with the initial presupposition of this research, of that their relationship with the students, with positive characteristics, less conflicting and trustworthy provider is possible when knowing the inherent changes in the adolescence phase by the teachers' side. On the other hand, lacking that knowledge difficult the interpersonal relationship that is able to promote the well-being and all others benefits of communication.

Key-Words: Nursing; Student; Adolescent; Therapeutic Communication; Interpersonal relationship.

1 INTRODUÇÃO

Saúde se faz no cotidiano da escola, do trabalho, em casa e nos seus entornos. Constitui o resultado dos cuidados que a pessoa tem consigo mesma, com os outros, com o ambiente circundante. É a capacidade de decidir e controlar sua vida, de participar ativamente do processo de construção de uma sociedade mais ética e saudável. Desta maneira, a escola pode se tornar um espaço privilegiado para a promoção da saúde em um enfoque ampliado, proporcionando um ambiente seguro e que dê apoio, tanto no aspecto físico como psicossocial e também na perspectiva de construção de cidadania e desenvolvimento dos diversos atores que compõem este universo: adolescentes estudantes, profissionais de educação, familiares, líderes comunitários e profissionais de saúde (RAMOS, 2001).

Assim sendo, a escola tem um papel fundamental no desenvolvimento do adolescente, pois contribui para a formação global do jovem e da sociedade. Papel que extrapola o ato de ensinar, que envolve o ato de educar crianças e jovens para desenvolver sua identidade e subjetividade. Faz parte do dia-a-dia dos professores, os profissionais que mais tempo interagem com os estudantes, a promoção e a integração à educação intelectual e emocional, o incentivo à cidadania e à responsabilidade social, bem como a garantia da incorporação de hábitos saudáveis no seu cotidiano (MARQUES, VIEIRA e BARROSO, 2003).

A escola é o segundo núcleo da vida do ser humano. É um local em que, também, se trabalha com a construção do conhecimento (TIBA, 1994). Desse modo, o aprimoramento da relação interpessoal entre estudante adolescente e docentes, de forma mais efetiva, resulta em benefício para as demais pessoas envolvidas, neste caso, suas famílias e amigos. Entendo que existe uma possibilidade para o desenvolvimento do cuidado de enfermagem no espaço escolar, pois esta ação é algo que vai ao encontro da promoção e manutenção da saúde e, conseqüentemente, da prevenção de doença. Além disso, ajuda na capacitação de pessoas, para que se comuniquem de maneira adequada, propiciando melhorar o aprendizado.

A vida relacional das pessoas tem sido afetada sobremaneira por causa das mudanças na sociedade moderna, devido ao crescente desenvolvimento tecnológico, levando-as a se comunicarem menos e de forma pouco efetiva e até, por vezes, conflitiva, concorrendo para um sentimento de vazio e de não compreensão de si

mesmas, embora não percebam a origem dessa sensação (STEFANELLI, 1993). Essa consideração da autora é acentuada na adolescência devido às características conflitantes e contraditórias peculiares da fase, de busca de identidade, sentido de vida e estabelecimento de papéis na sociedade.

A infância e a adolescência são fases da vida marcadas por grande vulnerabilidade em decorrência das características próprias deste ciclo em que o ser humano está crescendo e se desenvolvendo, tanto físico como intelectualmente. As transformações desta fase, além de influenciar a sua saúde estendem-se a outros fenômenos que começam a se diferenciar daqueles da infância, como questões relacionadas à sexualidade e suas conseqüências. O adolescente está exposto a inúmeros riscos, como drogas (álcool, tabaco e outras) iniciação sexual precoce, gravidez indesejada na adolescência, entre outros. O crescimento dos índices de gravidez precoce, suicídio, acidentes e conflitos de rua com adolescentes envolvidos, acrescidos de questões sócio-econômicas e dificuldade de relacionamento com a família e professores (MARQUES, VIEIRA e BARROSO, 2003), carecem de atuação específica a esta população, com ações que extrapolem o modelo biomédico.

A crise de identidade que o adolescente enfrenta, no decorrer do seu processo de vida e durante as etapas do seu desenvolvimento, é uma descompensação emocional, pois ele entra em contato com uma realidade que não pode negar ou adiar. Ele deverá encontrar-se consigo mesmo, enfrentando todos os desafios, turbulência e auto-realização que esta busca proporciona (LEVISKY, 1998). Desse modo, em uma investigação crítica dessa realidade, na perspectiva da saúde mental, poderá ser encontrada uma situação de desprazer e de infelicidade oriundos dos relacionamentos interpessoais infrutíferos do convívio cotidiano nos diversos contextos da sociedade (PATRICIO, 2000).

Nesse período da vida, o adolescente poderá pedir ajuda de forma direta ou indireta para pessoas em quem confia, ou com quem mantenha algum laço de afetividade como pais, professores, colegas de classe, entre outros. Pode-se inferir, portanto, que um dos aspectos necessários para a superação da crise, é que o adolescente possua bons relacionamentos interpessoais, com pessoas capazes de lhe oferecer suporte e instrumentos adequados para a resolução de seus problemas e valores que o orientarão nas suas decisões diárias. Quando a crise não é superada com êxito, o adolescente pode apresentar as mais diversas conseqüências, inclusive podendo comprometer a sua saúde mental (CAPLAN, 1966; RODRIGUES, 1996). A saúde mental é um componente

fundamental da saúde e um direito inerente ao ser humano, o que vem fortalecer a idéia de que é responsabilidade e dever do enfermeiro promover a saúde mental das pessoas (RODRIGUES, 1996). Ressaltamos que a adolescência é uma das crises evolutivas do ser humano e talvez a mais significativa devido as grandes transformações que acontecem a um mesmo tempo como, corporal, psicológica, social. Nesse sentido, acredito que para a fase da adolescência, a responsabilidade do enfermeiro em auxiliar na promoção da saúde mental é ainda mais imperante, haja vista ser uma fase de grandes contradições emocionais que requer a atenção contínua com acompanhamento de maior proximidade com o adolescente, buscando conhecer e compreender o seu universo de significados.

Em seu trabalho com adolescentes, Patrício (2000) identificou a ineficácia ou inadequação dos serviços de saúde, promoção social e de educação. Aponta que esse insucesso acontece por diversos fatores, a começar pela limitação de conhecimentos que muitos profissionais possuem para se relacionar com os jovens, até mesmo pelo desconhecimento de conteúdos e práticas específicas dessa população. Ainda coloca que, de uma forma geral, as pessoas não estão preparadas para cuidar dos adolescentes, e que as instituições de educação existentes não fornecem conhecimentos suficientes para lidar com esse grupo de pessoas.

Rúdio (1991) destaca a importância do relacionamento estudante-professor com o objetivo de desenvolver as potencialidades da auto-estima do indivíduo. Estes e outros estudos apontam a discussão sobre a maneira como se estabelecem as relações interpessoais com os alunos.

O professor desempenha o papel de “ajudar o indivíduo a se tornar a pessoa que ele pode ser”. Para que esse papel possa ser desempenhado, é necessária uma *práxis*¹ docente diferenciada. Um fazer no qual seja explorado continuamente o potencial da comunicação e da relação interpessoal com o objetivo de buscar, criar e manter ambientes para projetos que levem os alunos a viver melhor, e a resolver as questões relacionadas ao seu dia-a-dia, não somente na escola, mas extensivo ao seu ambiente familiar e comunitário (RUDIO, 1991, p.82; MOREIRA e QUEIROZ, 2001).

Nessa perspectiva, o trabalho pedagógico que orienta a construção de conhecimentos e valores, e situa o aluno no centro do processo educativo, confere ao professor, a função também de orientador, na qual extrapola a divulgação de conteúdos

¹ *Práxis* – do grego “práxis” que significa ação, atividade prática, exercício.

disciplinares. Por conseguinte, atribui ao aluno a condição de protagonista desse processo e, por essa razão, considera-o "como fonte de *iniciativa* (ação), *liberdade* (opção) e *compromisso* (responsabilidade)" (FERRETTI, ZIBAS e TARTUCE, 2004, p.415).

A dedicação dos estudiosos sobre o tema da relação interpessoal envolvendo o ensino de comunicação, pode ser explicitada através de Stefanelli (1993), que aborda os aspectos da comunicação entre o aluno de graduação de enfermagem e o paciente. Maftum (2000) preocupou-se com a relação interpessoal que o aluno do curso técnico em enfermagem desenvolvia com o paciente psiquiátrico durante o estágio curricular. No seu estudo relativo ao uso da "comunicação terapêutica" vivenciada por esses alunos, concluiu que o conhecimento de comunicação humana, comunicação terapêutica e dos aspectos da relação interpessoal ajudam no estabelecimento de relações efetivas, frutíferas e fortalecedoras para o ser humano.

Apesar dos estudos mencionados, não encontrei na literatura trabalhos que abordem a comunicação na relação interpessoal do professor com estudantes de Ensino Fundamental e Médio. Existe um elevado número de estudos relativos à comunicação na área de educação, como os de José e Coelho (1999), Barros (2000) e Gadotti (2004), com ênfase, em sua maioria, na aprendizagem, ou seja, na apropriação dos conteúdos curriculares e não na qualidade da relação estabelecida entre os envolvidos. Há, entretanto, pesquisadores e estudiosos no Brasil e em vários países do mundo que começam a se interessar em encontrar meios eficazes de aprimorar os relacionamentos entre as pessoas que compõem o espaço escolar (ORTEGA e DEL REY, 2002).

O resultado da relação interpessoal adequada que incide sobre as pessoas que participam da experiência de se estabelecer uma comunicação, pode ser de ordem emocional, física ou cognitiva, ou ainda uma combinação entre eles. Cada momento é único e não se repete, e sem a comunicação, a existência da humanidade seria impossível. É nesse cenário de interação mútua entre os indivíduos que ocorre a percepção entre as pessoas, o compartilhar do significado de pensamentos, propósitos e idéias, modificando-os neste processo interacional. O ser humano não pode existir sem se comunicar, então confere ou modifica o significado das coisas, de acordo com a comunicação com seus pares, o que lhes permite alcançarem seus objetivos de vida (STEFANELLI, 1993 e 2005a).

A comunicação é considerada como habilidade ou competência interpessoal a ser adquirida. Conhecimentos de comunicação geral e comunicação interpessoal são

princípios que devem ser examinados com profundidade, de modo a possibilitar uma base teórica para subsidiar o desenvolvimento do relacionamento terapêutico com a finalidade de oferecer suporte, conforto e informação, além de eclodir sentimentos de confiança e auto-estima, bem como ensinar modos mais adequados de comunicação. É necessário conhecer como se dá o processo de comunicação e todos os elementos a ela relacionada, como a usar na prática, para que se torne um elemento de ajuda. Assim, a pessoa será capaz de encontrar soluções para seus problemas e de ser útil aos seus semelhantes, contribuir para a sociedade em que vive, interagir, partilhar seus sentimentos, seus desejos, sua angústia e necessidade de ajuda (STEFANELLI, 1993).

O uso consciente da sua comunicação humana permite à pessoa atender as necessidades de inclusão, controle e afeição da outra pessoa em todas as suas dimensões levando em consideração a sua cultura e o ambiente. A inclusão é a aceitação da pessoa pelo outro, estar junto ao outro; o controle acontece, quando se experimenta a sensação de ser responsável e capaz de adaptar-se ao meio e a afeição refere-se à necessidade de expressar e receber amor (STEFANELLI, 1993).

Quando a comunicação terapêutica é utilizada, o sujeito, ao ajudar a outra pessoa a expressar, clarificar e compreender sua experiência, concomitantemente, fornece elementos para que ela decida o que é mais adequado à situação que está vivenciando, está servindo de modelo para ela. Assim, a pessoa aprende a usar padrões adequados de comunicação interpessoal e a fazer correções em sua comunicação (STEFANELLI, 1993; 2005).

A comunicação terapêutica, portanto, reflete-se na habilidade da pessoa em usar seu conhecimento em relação às estratégias, a fim de tornar efetiva a ajuda para a pessoa suportar sua experiência de ansiedade. Para isto, as mensagens enviadas devem ser claras, simples e para que sua transmissão e percepção pelo outro, possam ser efetivadas, ou seja, ocorrerem no instante em que há disposição do receptor em ouvir (STEFANELLI, 2005b).

Este trabalho aborda o relacionamento interpessoal entre professor e estudante adolescente. Para tanto, os pressupostos deste estudo são:

- 1) Para que se estabeleça uma relação estudante-professor com características positivas, menos conflitiva e fornecedora de confiança é, essencial que os docentes tenham conhecimento das transformações inerentes à fase da adolescência.

- 2) A falta de conhecimento das características do adolescente pode se constituir entrave para um relacionamento interpessoal capaz de promover o bem-estar e todos os outros benefícios inerentes a uma boa comunicação.
- 3) A apropriação, pelos docentes, de conhecimentos sobre comunicação humana e comunicação terapêutica poderá contribuir para o estabelecimento de uma relação interpessoal mais eficaz entre estudante e professor.

Tal relação é sustentada em um conceito de comunicação humana que extrapole a transmissão de idéias, não visando unicamente ao ensino de conteúdos curriculares. Assim, busco apoio em Stefanelli, (1993, 2005a). Para ela, a comunicação é um processo de compreender e compartilhar mensagens emitidas e recebidas de modo que as próprias mensagens e a sua interação influenciam o comportamento das pessoas envolvidas. Essa comunicação tem funções como: possibilitar o conhecimento de si mesmo e da outra pessoa, estabelecer um relacionamento significativo, propiciar mudança de atitude e comportamentos, satisfazer as necessidades de inclusão, controle e afeição, persuadir, investigar e divertir.

Das reflexões anteriores emerge a seguinte questão: *Como os professores percebem as relações interpessoais estabelecidas pelo estudante adolescente?* Essa questão me remeteu a propor um trabalho com docentes de 5^a a 8^a série de um Colégio Estadual na cidade de Curitiba, com os objetivos de *“Aprender como o professor percebe as relações interpessoais que o estudante adolescente estabelece consigo, com sua família e com a comunidade escolar; Sensibilizar docentes para efetivas relações interpessoais com o estudante adolescente”*.

1.1 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

A temática “relação interpessoal entre estudante adolescente e professor” tem despertado meu interesse desde as primeiras experiências que tive na docência. Após a conclusão do curso de graduação em enfermagem em 2003, na Universidade Federal do Paraná, iniciei minhas atividades profissionais como docente substituta na mesma instituição em que trabalhei durante dois anos. Concomitantemente, fui aprovada em concurso público para atuar como professora do curso Técnico em Enfermagem em um

colégio da rede estadual de ensino, no município de Curitiba, o qual também possui Ensino Fundamental e Médio, no qual permaneço até o momento.

Durante o curso de Especialização em Saúde da Família na Universidade Federal do Paraná – UFPR em 2005, como trabalho de conclusão, implementei no colégio no qual sou docente, o projeto intitulado “Atenção psicossocial a pais de estudantes de 5ª à 8ª séries do Ensino Fundamental”. Nesse projeto, realizei atendimento individualizado, por meio da entrevista de ajuda, preconizada por Alfred Benjamin (2001), a família de adolescentes que tinham dificuldade de relacionamento interpessoal com seus familiares, professores e colegas da escola. A maioria dos temas trazidos pelos familiares para compartilharem durante os atendimentos marcados, foram relativos à descrença de serem capazes de tratarem com os seus filhos adolescentes assuntos como sexualidade e dificuldades de relacionamento interpessoal, ou seja, da comunicação entre eles.

Esse trabalho me permitiu observar e conhecer um pouco mais do mundo de significados do adolescente e sua relação com os docentes e colegas. Percebi que vários estudantes eram chamados para conversar com a diretora ou coordenadora pedagógica, e os motivos pelos quais eram convocados, normalmente relacionavam-se ao comportamento agressivo e inadequado, principalmente nos horários em que não havia professor em sala de aula e nos intervalos. Em muitas dessas ocasiões, pude observar que a relação estudante-professor era estabelecida de forma conturbada. O adolescente, em geral, expressava-se verbalmente de forma intempestiva, autoritária e com tom de voz alterado; o professor, na maior parte das vezes, reagia do mesmo modo ou até mais imponentes, a fim de manter o controle.

Nessa experiência de trabalho no referido colégio, percebi a necessidade dos alunos de serem ouvidos e de estabelecerem uma relação com o professor, além da transmissão de conteúdos ou apenas com o foco no ensino. Considero que o momento da adolescência necessita que o professor auxilie esse jovem, por meio da comunicação adequada a esclarecer as dúvidas e dificuldades. Há que se considerar, ainda, que a escola representa um local em que o indivíduo está aberto a novas aprendizagens e experiências (MOREIRA, 1996).

Concomitante a essa vivência, ingressei no programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Paraná em 2005 e ao cursar uma das disciplinas “Vivência na Prática Assistencial”, cujo objetivo era desenvolver a prática assistencial, segundo um referencial teórico / filosófico considerando os aspectos

históricos e socioculturais dos atores envolvidos, escolhi realizá-la no colégio. Realizei Discussões de Grupo com professores de 5ª a 8ª série, com temas relacionados ao seu dia-a-dia de trabalho utilizando o referencial Stefanelli (1993, 2005a,b,c), de Comunicação Humana e Comunicação Terapêutica. Vislumbrei uma oportunidade para concretizar um trabalho educativo na prática a qual permitiu a coleta de dados que resultou nesta dissertação.

Constatei, na escolha do referencial teórico-prático da comunicação terapêutica de Stefanelli (1993, 2005a,b,c), a relevância social da temática elegida e isso possibilitou a reflexão sobre a relação interpessoal. O ser humano não percebe, como deveria, a totalidade das relações que estabelece consigo, com as pessoas e com o ambiente em que se insere, por fazer parte do modo de conviver e ser no mundo em que vive.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste tópico, apresento o embasamento teórico deste trabalho, referente à adolescência, suas características, as relações interpessoais que esse jovem estabelece com o mundo que o cerca, incluindo a família e a comunidade escolar (diretores, funcionários, colegas de classe e professor).

2.1 O ADOLESCER E SUAS PECULIARIDADES

O adolescente é um ser que se encontra em uma fase peculiar do desenvolvimento humano e, como tal, deve ser percebido em nosso contexto, com características biopsíquicas, intelectuais e emocionais específicas, enfrentando toda a sorte de infortúnios de uma sociedade em rápido processo de transformação (LEVISKY, 1998). Além do que, a fase da adolescência é considerada uma etapa de transição entre a infância e a adolescência, marcada por significativas mudanças e transformações biológicas, psíquicas e sociais (MELEIS, 1997; ZAGONEL, 1999). Constitui-se uma etapa crucial do crescimento e desenvolvimento na qual culmina todo o processo maturativo biopsicossocial do indivíduo. É um período de contradições, ambivalências; turbulento, repleto de paixões, dorido, caracterizado por conflitos relacionais com o meio familiar e social (ABERASTURY, 1981).

No Brasil, as ações e programas que são desenvolvidos para a população de crianças e adolescentes para assistência integral à saúde e educação, têm como base o que dispõe a Constituição Federal de 1988 em seu artigo 227 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Decreto Lei 8.069 de 1990, que consideram adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos de idade (BRASIL, 1988 e 1991).

Kaplan, Sadock e Grebb (1997) explicitam que o desenvolvimento humano acontece de forma sucessiva, e em cada estágio tem um ou mais acontecimentos que o diferencia das etapas que o precederam ou sucederão. Cada fase deve ser experienciada de maneira harmônica para que todos os estágios subsequentes não reflitam a deficiência de uma experiência mal resolvida, que poderia se apresentar na forma de um desajuste físico, cognitivo, social e emocional.

Períodos de transição ocorrem durante o desenvolvimento humano, compreendendo a transição como alteração, passagem de uma situação para a outra. Para Meleis (1997 p.105) “a transição requer que a pessoa incorpore um novo conhecimento para alterar o comportamento e, portanto, mudar a definição de si no contexto social”. Essa transição é também denominada como transição desenvolvimental e geralmente acontece da infância à adolescência e da idade adulta à terceira idade, e demanda da pessoa a busca de soluções, de capacitações e equilíbrio frente a condições novas e inesperadas.

Kaplan, Sadock e Grebb (1997) referindo-se a Piaget colocam que, no início da adolescência, o pensamento torna-se abstrato, conceitual e orientado para o futuro; ele denominou esta etapa de estágios das operações formais. E, fazendo menção a Erick Erikson, o principal objetivo da adolescência é adquirir a identidade do ego, que ele conceituou como a consciência de quem se é e para onde se está indo. Deixar de ser uma pessoa dependente, para tornar-se uma pessoa independente.

As mudanças biológicas começam a surgir, em alguns, a partir dos 11 anos, e são caracterizadas por aceleração e desaceleração do crescimento físico, mudança da composição corporal, aumento dos níveis hormonais responsáveis pelo desenvolvimento sexual (SAITO, 2000). Assim, pode-se perceber que há períodos do desenvolvimento em que as mudanças ocorrem em ritmo mais exacerbado e em outros mais lentamente.

Na puberdade surgem as características sexuais secundárias nos meninos, como a mudança no timbre de voz, aparecimento de pêlos na região facial, axilar, pubiana, desenvolvimento dos testículos e pênis e polução noturna entre outras. Nas meninas, o botão mamário se transforma em seio, as curvas do quadril se acentuam e há possibilidade de ser mãe diante da menarca, caso haja uma relação sexual. O corpo toma outras formas, não mais com características infantis, tornando-se mais atraente e os impulsos sexuais estão mobilizados devido às mudanças biológicas trazidas pela puberdade (ZAGONEL, 1999).

Segundo Tiba (1987), a puberdade impõe ao adolescente grandes alterações físicas e desta forma, necessita adaptar-se às novas dimensões que estão se estabelecendo e experimentar, com atenção, todas as inéditas sensações para integrá-las no seu cotidiano. Como se não bastasse tratar de sensações jamais conhecidas e experimentadas por este ser, elas ocorrem de forma avassaladora e, por vezes, com sobreposições de diferentes experiências advindas do desenvolvimento.

O processo que acontece com o adolescente também influencia seus pais, chegando a ser temido por eles, por reviverem sua adolescência por intermédio de seus filhos e, em alguns casos, deparam-se com conflitos a respeito de conceitos e preconceitos na área sexual, limitando assim a discussão do assunto. Ainda, a responsabilidade e os riscos que as vivências da sexualidade podem apresentar como a gravidez indesejada e precoce, aborto, uso de drogas, AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis, comprometem o projeto de vida de seus filhos e em casos extremos a sua própria vida (SAITO, 2000; JESUS, 2000).

Apesar dos tempos de liberdade sexual, pós-revolução industrial, percebe-se que a sexualidade é um tema pouco discutido e evitado no seio familiar, sendo que tal responsabilidade tem sido transferida para a escola (MARQUES, VIEIRA e BARROSO, 2003). Observamos que a família possui a responsabilidade de instrumentalizar os adolescentes, por meio do diálogo, para lidar com a aceitação de sua auto-imagem e sexualidade, desenvolvendo, neles, um pensamento reflexivo e diminuindo o preconceito. Mostram, assim, que a sexualidade pode ser algo prazeroso, saudável e natural e que o desenvolvimento psicossocial é próprio do ser humano (FONSECA e GOMES, 2004).

Em uma pesquisa realizada por Cardoso e Cocco (2003) com adolescentes, foi constatado que a maior parte das famílias não está suficientemente preparada para debater os assuntos referentes à sexualidade e drogas com os seus filhos. Esta responsabilidade educacional fica sendo entendida pelos pais, como função dos profissionais da saúde nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) e dos professores nas escolas. Porém, foi constatado que estes profissionais também possuem dificuldade em abordar assuntos relacionados a esses temas.

Nesta fase, é possível observar a maturação sexual, o aumento da responsabilidade pessoal, uma separação progressiva dos pais, a diminuição da autoridade paterna, as constantes flutuações de humor e do estado de ânimo, a busca de si mesmo e a crise de identidade (LEVISKY, 1998). Alguns autores utilizam a expressão “síndrome da adolescência normal” para descrever o que os adolescentes estão vivenciando nesse momento de modificações da estrutura física e mental, que possui características de busca da identidade, tendência grupal, desenvolvimento do pensamento conceitual, vivência temporal singular e evolução da sexualidade (ABERASTURY, 1981). A formação de sua identidade pessoal é o processo pelo qual o adolescente pretende descobrir e potencializar suas aptidões, de modo a compreender o

espaço social. Essa odisséia leva o adolescente a questionar os padrões da sua família e conseqüentemente a autoridade de seus pais e professores (RUDIO, 1991).

O processo de adolecer significa também momento de romper com as idéias e valores da sua família, é o momento de aceitar as limitações sociais, posicionando-se criativamente. “É tempo de buscar, em novas relações, fundar-se num corpo que foi amado e que poderá amar, que foi gerado e poderá gerar, enfim, de entrar na realidade social simbólica com o próprio nome” (LEVISKY, 1998 p.104).

Diante da crise de identidade, período altamente vulnerável e suscetível às influências ambientais construtivas e destrutivas, o adolescente busca novas identificações para o desenvolvimento da sua identidade adulta. Muitos liberam sua impulsividade e diariamente se envolvem em acidentes: no trânsito, nas farras, abuso de drogas, e muitas vezes, pode ocorrer suicídio ou assassinato. Grande parte desses modelos pode ser encontrado no grupo de amigos, que se constitui um estágio essencial do seu desenvolvimento, o qual ajuda o adolescente a encontrar sua identidade no contexto social. Contudo, os valores do grupo passam a ser os mais importantes. Suas práticas e representações são marcantes para a formação dos novos hábitos para este adolescente, pois compartilham as mesmas idéias e comportamentos (LEVISKY, 1998).

O adolescente tem desejo de se relacionar e de ser aceito por pessoas de sua própria idade, sendo que, no grupo, ele consegue encontrar o caminho, o apoio e a cumplicidade para determinar sua identidade social, pessoal e sexual (LEVISKY, 1998). Assim, percebe-se que essa estrutura relacional torna-se necessária para o desenvolvimento da sua personalidade de modo mais abrangente. As habilidades comunicativas entre grupos possuem objetivos de ajustamento, integração e desenvolvimento (CARVALHO e BACHION, 2005).

O adolescente se depara em um período de crise neste processo de transição, sendo que crise “é uma perturbação do equilíbrio que a pessoa enfrenta no seu processo de vida, durante as várias fases do seu desenvolvimento” (RODRIGUES, 1996 p. 9). Na busca de soluções para os seus conflitos internos, de ser reconhecido como adulto, o adolescente contraria regras, na busca do desconhecido e pratica atos irresponsáveis, sendo que algumas vezes, coloca-se em situações de perigo, e, a autoridade das pessoas que possuem influência na sua formação como pais e professores, também são contestadas.

Segundo Rodrigues (1996), a adolescência é uma etapa permeada por crises, e, desta forma, necessita de mais contatos interpessoais, ou seja, precisa de atenção, afeto,

amparo e fundamentalmente aprender a ser. Stefanelli (2005c) afirma que, no compartilhar das suas dificuldades, o adolescente organiza a descrição da sua experiência. Com isso, é capaz de rever os acontecimentos de sua vida com mais clareza e seqüência lógica, tornando-se menos defensivo ou resistente à ajuda que lhe é oferecida.

2.2 O ADOLESCENTE E SUAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA FAMÍLIA E NA ESCOLA.

Aprender a arte de se relacionar é também aprender como encarar e resolver conflitos (RUDIO, 1991). Reconhecer as dificuldades e as características próprias do adolescer é também compreender a necessidade que o adolescente tem de encontrar alguém com quem possa contar, alguém que lhe forneça orientações para as tomadas de decisões, de modo a não dar conselhos apenas, mas co-responsabilizá-los (MATHIAS, 1999). Outrossim, “decidir é resolver, julgar, dar preferência, escolher dentre muitas, a opção que parece mais acertada. (...) essas escolhas dependem daquilo em que acreditamos, dos preconceitos que ainda existem em nossa cultura, das nossas emoções e da nossa vontade” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001 p.146).

A orientação deve ser vista como prioridade que pode ajudar com eficiência o adolescente na busca e na experiencição de sua própria identidade (RUDIO, 1991). Assim, propostas que ofereçam efetivamente referenciais, imagens ideais, melhores que aquelas oferecidas pela televisão, que apresentam uma efetiva rede de sustentação simbólica, certamente terão ampla chance de serem assimiladas e adotadas pelos adolescentes. Em sua busca por figuras de identificação, em uma sociedade confusa, os jovens adolescentes voltam-se para pais substitutos e idealizados e essa substituição paterna e ou materna pode ocorrer pela adoção da droga, da direção perigosa, da inserção em grupos “bandos, tribos, gangues, turmas”, de pais de seus amigos entre outros recursos que lhes oferecem o retorno almejado. Procuram, incessantemente, referenciais nos quais possam se firmar, e quanto mais sólidos eles parecem, maior será o sentimento de segurança (LEVISKY, 1998).

A alteração do padrão de comportamento sugere uma renovação dos relacionamentos de maneira a modificar as relações interpessoais, com o objetivo de

que as pessoas envolvidas sintam-se representadas e participantes do espaço social de convivência (ORTEGA e DEL REY, 2002). Com a presença de filhos adolescentes em casa, a família necessitará alterar a forma de se comunicar, firmar novos acordos, diferentes daqueles da infância e criar regras de tolerância, enfim, modificar toda a estrutura da relação de poder, pois os jovens flutuam entre uma dependência e uma independência de seus pais. Por outro lado, os pais precisam alterar a sua relação com o filho criança para evoluir a uma relação com o seu filho adulto, aprender a negociar. Diante da nova situação, a família precisará de um espaço para o acolhimento das expressões e opiniões de seus filhos (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001).

O contexto familiar é importante na definição das experiências de crescimento, desenvolvimento e construção da identidade do adolescente e deve ser deslumbrado como processos dinâmicos em que histórias de vida e anseios individuais interagem. É no âmbito familiar que se constrói o ser humano, sendo este o primeiro grupo de referência para a criança. A família possui o atributo de compartilhar preceitos de moralidade, por meio dos padrões de comportamento adotados em sua cultura e humanizar no sentido de socializar e adaptar sua convivência em sociedade, relacionando-se com os membros da família e também dentro de outros grupos. Na medida em que são satisfeitas suas necessidades, permite-se o desenvolvimento adequado da personalidade (LARAIA, 1993).

Pelo esmero dos pais no processo de educação dos filhos, conhecendo suas aflições, necessidades, seus medos e anseios mais profundos, suas habilidades e dificuldades no dia-a-dia buscando respeitá-los, como consequência, há a prevenção das mais variadas doenças, e até mesmo a promoção da saúde. Famílias sem uma estrutura adequada contribuem para o desenvolvimento anormal da personalidade, tornando os indivíduos fracos e vulneráveis, favorecendo assim, a inserção do risco que pode envolver a gravidez precoce e indesejada e seus desdobramentos, bem como o uso de drogas (OLIVEIRA, 2001). Os adolescentes que não estão inseridos de forma efetiva em uma estrutura familiar, ou seja, estão em uma inserção de mero compartilhar de espaço geográfico e de pertences materiais, onde os aspectos relacionais não acontecem de modo a satisfazer as suas necessidades emocionais de pertencimento, adotam o grupo de amigos, gangues ou turmas, para colmatar esta lacuna do seu desenvolvimento (LEVISKY, 1998).

Outrossim, não existe um modelo ideal de família; existem famílias e famílias, cada uma com suas especificidades. O modelo familiar que oferece condições mais

confortáveis para conviver possui relacionamentos mais estáveis e adotam o diálogo para a resolução dos conflitos existentes, também pode funcionar como um fator de proteção, no qual estão presentes o amor, o compromisso, o respeito, a comunicação e os limites colocados com autoridade e afeto, não com o autoritarismo (SAITO, 2000). Os aspectos referentes ao ambiente familiar são entendidos, neste trabalho, como o contexto em que ocorrem todas as expressões dos seres envolvidos, e se estendem ao segundo núcleo, no qual o adolescente passa o maior tempo, tanto de permanência quanto de interação com pessoas: a escola. Tais fatores podem ser imprescindíveis à prevenção de muitos problemas como, por exemplo, a violência e o uso e consumo de drogas.

O adolescente aprende hábitos devido à convivência natural dentro do contexto familiar e cabe a ela contribuir na formação da cidadania, fornecendo-lhes condições de moradia, alimentação, sentimentos de afetividade, valores culturais, éticos e morais necessários ao bom desenvolvimento biopsicossocial. A família é unidade primária de cuidado e educação dos filhos e espaço social, cuja concepção varia de acordo com a cultura e as circunstâncias históricas de maneira a manter a continuidade do desenvolvimento de cada membro, sofre influências decorrentes das mudanças na sociedade, que modifica o relacionamento entre pais e filhos (SAITO, 2000).

Nesse sentido, há a necessidade de estimular os pais a adotar novos comportamentos, inclusive com sua vida pessoal, para servirem de modelo e alcancarem um melhor desempenho no papel de educadores, que o são por excelência. Porém, depende do adolescente a apropriação ou não desses bens e valores morais e culturais para definir o seu modo de vida (MARCON e WAIDMAN, 2003; LEVISKY, 1998). Assim, é importante que toda a família esteja adequadamente informada do seu papel influente no desenvolvimento sadio da criança e do adolescente, bem como de seus membros, de forma a desempenhá-lo a contento (SAITO, 2000).

Considerando que não se está isolado no mundo, vivendo exclusivamente com as próprias convicções, em qualquer tipo de relacionamento que tente se firmar, é normal haver divergências entre as idéias, o que muitas vezes motiva conflitos com as outras pessoas. Contudo, há que se ressaltar que esses eventos e sentimentos se intensificam e também fazem parte do desenvolvimento do adolescente, gerando dificuldades na relação interpessoal que ele estabelece com os adultos.

É necessário, portanto, que o adolescente seja acolhido com compreensão por seus familiares e pela comunidade escolar, para que ele transite da melhor maneira

possível, com vistas à resolução, adaptação e enfrentamento dessas dificuldades específicas da adolescência (SAITO, 2000). Por conseguinte, torna-se necessário que os pais e professores conheçam as peculiaridades da fase da adolescência para relacionar-se com ele com compreensão do seu mundo de significados.

A sociedade também influencia no desenvolvimento do adolescente, por isso é necessária uma reflexão acerca de que meio social se está inserido, ou seja, como este se constitui, se organiza, quais os valores predominantes. Portanto, aspectos como a mentalidade consumista, banalização da violência e do corpo, a emancipação feminina, o papel dos pais com os filhos, o significado real da família, colaboram para que haja transformações éticas e sociais, e isto se dá devido à existência da interação sociedade-adolescente. Contudo, quando a sociedade proporciona maneiras adequadas para as manifestações de auto-afirmação, esse processo, apesar de dificultoso, turbulento e cheio de paixões, edifica a personalidade e a auto-estima (LEVISKY, 1998).

Então, pode-se considerar a sociedade como um elemento estruturador e formador de opinião (PRIOTTO, 2002; LEVISKY, 1998). Principalmente no tocante à mídia existente, uma vez que as formas de mídias afetam a sociedade, pois a comunicação em massa envolve mensagens provenientes de fontes organizacionais (CARVALHO e BACHION, 2005). Diante disso, os meios de comunicação, principalmente a televisão (TV), são transmissoras de atitudes, normas e valores. Percebe-se que em nossa sociedade, desde cedo, a criança é exposta à programação da TV, sem a observação dos pais, sem a avaliação se o conteúdo está adequado à faixa etária. Não se importa, assim, com os efeitos negativos e de estimulação sensitiva aos temas atuais de violência, amor, sexualidade, no sentido de transmitir mensagens que exploram e banalizam o sexo, amizade, adultério, desejo e ganância.

Para melhor exemplificar, pode-se citar que a cada dia, o acesso às drogas é mais facilitado pelo conjunto da sociedade, já que as drogas lícitas, como o álcool e o tabaco, muitas vezes não consideradas como drogas, são de baixo custo e possuem vários pontos de comercialização, além de não estarem sujeitos ao controle por parte dos pais (PRIOTTO, 2002). Sendo a mídia um meio de comunicação em massa, ainda tem sua contribuição na disseminação do uso de tais substâncias, pois aponta como uma rápida conquista de felicidade e perfeita adequação à sociedade (OLIVEIRA, 2001).

De um lado, os adolescentes, por vezes, não recebem informações verdadeiras e necessárias em relação aos seus problemas básicos e essenciais como: higiene corporal, liberdade, responsabilidade, orientação profissional, relacionamento interpessoal com o

sexo oposto, como o “ficar”, namoro e relação sexual, além de prevenção de doenças. Por outro lado, a confusão frente às inúmeras mensagens recebidas por diversificados meios de comunicação contribui na origem de insegurança em resolver os seus conflitos emocionais tornando-os conseqüentemente mais vulneráveis a vários agravos da saúde (PRIOTTO, 2002).

Em decorrência do exposto, os adolescentes nem sempre obtêm todas as respostas para os seus questionamentos, preenchendo assim estas lacunas, normalmente, com qualquer tipo de informação que consigam obter, não se importando com a veracidade delas (TIBA, 1987). Os adolescentes precisam ser capacitados de modo a tomar consciência da existência da mídia e aprender a desvendar e selecionar os conteúdos das mensagens transmitidas, principalmente nos intervalos comerciais (PRIOTTO, 2002).

Nesse sentido, considero a escola espaço propício para a discussão destes e de outros temas que permeiam o cotidiano dos adolescentes, os quais contribuem com o desenvolvimento saudável da sua personalidade. Sendo assim, acredito que uma relação interpessoal entre professor e estudante-adolescente, que permita a expressão e o compartilhar do mundo do adolescente, seus anseios, temores, dúvidas, sonhos, constituir-se-á em um instrumento de grande potencial de aprendizagem para ajudá-lo na vivência dessa fase.

Ao longo do processo de formação do ser humano, as relações interpessoais que decorrem da interação das pessoas nos cenários que freqüentam vão se tornando importantes e, dentre esses, pode-se destacar a escola como um local de onde emergem relações de grande representatividade para a criança e para o adolescente (SAITO, 2000). A escola precisa ser vista e entendida como espaço de formação e informação, em que a educação favoreça a inclusão do adolescente nas questões sociais (MIRANDA e FERRIANE, 2001).

Pode-se ressaltar ainda, que o primeiro contato da criança com a comunidade externa à sua família é a escola e, neste meio, sua cultura é complementada e ampliada por intermédio dos educadores, dos colegas e da comunidade escolar no seu sentido mais amplo. Sendo assim, a escola se constitui em uma instituição social e também a extensão da sua família, que promove além da instrução, a educação de crianças e jovens (MOREIRA, 1996).

Além de todas as transformações citadas anteriormente, a chegada da adolescência ocasiona, em muitos estudantes, mudanças com relação aos estudos. A

facilidade com que atendiam as orientações dos professores em sala de aula, na infância, parece não ser a mesma na adolescência. Contestam a autoridade dos professores e demais personagens do meio escolar em uma tentativa de ganhar autonomia, colocar-se como pessoa no mundo e estabelecer limites em determinadas circunstâncias. Na maioria das vezes, isso ocorre pela própria condição de ser adolescente, já percorrida nesse trabalho a respeito das transformações psicológicas existentes devido à passagem entre o mundo infantil e o mundo adulto, agravado pelas relações familiares e sociais que podem ser observadas (MATHIAS, 1999; FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2001).

Todavia, Rudío (1991) lembra que a educação não pode ser realizada de qualquer maneira e impor uma educação é atitude ilusória. Explícita que para haver uma educação funcionando como estímulo vigoroso e persistente é impossível havê-la sem autoridade do educador, pois ninguém pode ser educado à revelia. A autoridade do educador

se torna certeza nas horas de dúvidas, firmeza nos momentos de frustração, segurança nas ocasiões de fracasso, direção nos instantes de sucesso, força que limita e orienta o educando, para que sua liberdade não se transforme em abuso, e para que saiba utilizá-la adequadamente, em sua própria ajuda e com a participação com outros (p.68).

Rudío (1991), lembra ainda, que a autoridade não deve ser exercida para ser prepotente, caprichosa, e nem para obter vantagens e lucros em proveito próprio ou com interesses egoístas, pois atitudes como essas, ao invés de promover educação, deseducam e destroem.

Em uma compreensão mais ampla, todo professor exerce uma influência em seus alunos. E pelo que esse professor é ou faz, ele pode construir ou destruir, educar ou deseducar. Portanto, o professor deve trabalhar sua personalidade, a fim de que seja realmente uma presença, que exerça influência positiva aos seus alunos. Assim, acredito que o docente pode utilizar, como melhor instrumento de educação, formação e crescimento, a sua própria pessoa, corroborando, Travelbee (1982), afirma que o maior instrumento terapêutico que a enfermeira possui é ela própria.

Ressalta-se que o objetivo da educação é auxiliar o adolescente a tornar-se a pessoa que ele pode ser. Para que isso aconteça, ele deve aplicar todos os recursos que o meio ambiente lhe disponibiliza, entre estes, as influências que surgem dos

relacionamentos humanos, que são do ponto de vista psicopedagógico, um dos mais importantes (RUDIO, 1991).

Portanto, para ajudar o estudante na busca de sua verdadeira identidade, criando condições interiores para vivenciá-la é importante um relacionamento interpessoal bem sucedido com o professor, que pode ser adquirido pelo esforço e aprendizagem mútuos (RUDIO, 1991).

3 COMUNICAÇÃO TERAPÊUTICA: UM REFERENCIAL TEÓRICO PARA A RELAÇÃO INTERPESSOAL PROFESSOR - ESTUDANTE ADOLESCENTE

Os professores, por conviverem com o adolescente uma parte significativa do seu dia, podem perceber as dificuldades, sentimentos e emoções que o afeta. Quando estas se apresentam causando sofrimento ou conflitos, eles poderão ajudar o estudante adolescente na superação e prevenção da exacerbação dos problemas com uma atitude antecipatória de cuidado. Uma das ferramentas que o professor pode utilizar nessa tarefa é a comunicação, que é um componente essencial nas relações interpessoais, pois tem como finalidade a troca de experiências entre as pessoas, compreender como elas vivenciam o seu mundo e até mesmo para ajudar na resolução dos problemas específicos de cada um.

A partir das considerações expostas anteriormente, apresento conteúdos de comunicação humana e comunicação terapêutica, segundo Stefanelli (1993, 2005a,b,c) e de outros autores que tratam desse tema, os quais considero que oferecem sustentação teórica ao presente estudo.

Maguida Costa Stefanelli é Professora Titular, Livre-Docente e Doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professora titular do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP. É autora de livros e vários artigos publicados na área de enfermagem, principalmente relativos à Comunicação em Enfermagem e Comunicação Terapêutica. Para ela, a comunicação é a base de todas as ações dos profissionais de enfermagem e para tanto, torna-se importante que desenvolvam a competência interpessoal para uma prática efetiva.

Por se constituir em algo tão inerente ao ser humano, a comunicação ocorre em todos os momentos da vida, e nem sempre de forma verbal. Antes, é o meio pelo qual participamos do mundo que nos rodeia e propicia compartilhar com os outros, nossas experiências. Um olhar, um presente de aniversário, um telefonema que deixamos de fazer, todas essas atitudes, levam consigo uma mensagem. Porém, a autora faz diferenciação entre a comunicação humana e terapêutica, sendo a primeira entendida “como um processo de compreender, compartilhar mensagens enviadas e recebidas, sendo que as próprias mensagens e o modo como se dá seu intercâmbio exerce influência no comportamento das pessoas envolvidas”. E a segunda é o uso da

comunicação humana com o objetivo de ajudar a outra pessoa, desenvolvendo relações interpessoais construtivas. Classifica a comunicação em duas formas: a verbal e a não verbal. A comunicação verbal é aquela que é realizada pela linguagem escrita ou falada e a não verbal são as mensagens enviadas ou recebidas por meio de gestos, postura do corpo, expressões faciais, timbre de voz, sudorese, rubor, entre outros. Isto quer dizer, todas as mensagens que possuem algum significado sem a utilização das palavras. (STEFANELLI, 1993, p.30; 2005a).

A comunicação não verbal é muito importante para os relacionamentos humanos, pois, dois terços de tudo que comunicamos acontece pela forma não verbal (SILVA, 2005). Na maioria das vezes estão presentes, na comunicação, ambas as formas; entretanto, há momentos em que a não verbal é toda a comunicação, não sendo necessária a utilização de outras formas. Por isso, é importante que as pessoas que se relacionam com o adolescente, em especial os professores, sejam despertados para o conhecimento da comunicação não verbal, pois esta, possui funções de expressão dos sentimentos, e a confirmação ou a desconfirmação da mensagem que está sendo transmitida de forma verbal (STEFANELLI, 1993; 2005a).

O diálogo é uma forma de comunicação verbal, no qual a apropriação da palavra é utilizada para transmitir uma mensagem, expor suas idéias. A capacidade de se comunicar permite a ampliação dos relacionamentos e o compartilhar das experiências vividas, valores, crenças e atitudes (STEFANELLI, CARVALHO e ARANTES, 2005). Ora, o adolescente necessita revelar os seus segredos, esclarecer as suas dúvidas e, por isso, ele precisa de alguém que o escute, que o conquiste para desenvolver um vínculo de confiança.

As pessoas precisam ser escutadas para que ordenem e organizem as suas próprias vivências, e isso conseqüentemente poderá auxiliar para que a solução de seus dilemas surja espontaneamente. O escutar ou ouvir reflexivamente o próximo também é um cuidado de enfermagem e uma ação indispensável à relação de ajuda (SOUZA, PEREIRA e KANTORSKI, 2003; STEFANELLI, 2005c). Conquanto a habilidade de escutar seja um instrumento valioso no desenvolvimento de uma relação de ajuda, não se trata de tarefa fácil, pois vai além do ouvir mecanicamente. Para tanto, faz-se necessário o aprendizado e o treino, pois se deve compreender o que implica a ação de ouvir. É preciso estar interessado no que está sendo explicitado pela pessoa, para lhe dar uma atenção plena. Ouvir reflexivamente ou saber ouvir, implica escutar como as coisas estão sendo ditas, o tom de voz utilizado, observar as expressões faciais e os gestos

empregados. É necessário perceber o que não está sendo verbalizado, pois além dos ouvidos, utilizamos também os olhos, o coração e a mente para percebermos o que nos rodeia; isto equivale a dizer o que Stefanelli (2005c) denomina ouvir reflexivamente.

Tenho a crença de que quando o adolescente percebe que tem na figura do professor alguém que o compreende e acolhe nas suas necessidades, esta relação extrapola o papel de uma relação de ensinar e se torna terapêutica. Para Stefanelli (2005b)

comunicação terapêutica é a competência da pessoa em usar o conhecimento sobre a comunicação humana para ajudar o outro a descobrir e utilizar sua capacidade e potencial para solucionar conflitos, e conhecer as limitações pessoais, ajustar-se ao que não pode ser mudado e a enfrentar os desafios a auto-realização, procurando aprender a viver da forma mais saudável possível, tendo como meta encontrar um sentido para viver com autonomia (p.65).

A aplicação prática do conhecimento a respeito da comunicação humana para torná-la terapêutica, conforme Stefanelli (1993 p.50-54, 2005a,b), depende da competência interpessoal em utilizar o conhecimento pertinente à comunicação terapêutica para oportunizar a outra pessoa uma resposta ou mudança de maneira consciente ao expressar compreensão da mensagem enviada. Nesse momento, oferece-se à pessoa os elementos para que ela entenda o limite colocado a seu comportamento e, dessa maneira, oportuniza a tomada de decisões com base em informações adequadas. A autora elenca uma série de estratégias ou guias para tornar terapêutica a comunicação, as quais foram classificadas em três grupos: expressão, clarificação e validação, que detalharei mais adiante. Ressalta que é de suma importância o uso consciente desse conhecimento.

Da mesma maneira, como a autora apresenta as estratégias de comunicação terapêutica, discorre também a respeito dos modos não terapêuticos presentes na comunicação cotidiana, social e profissional. Esses modos denominados como não terapêuticos, estão presentes no momento da comunicação e prejudicam a emissão e o entendimento das mensagens. São eles: *não saber ouvir, usar jargões técnicos ou linguagem científica, dar conselhos, falsa tranquilização, julgar o comportamento, manter-se na defensiva, induzir respostas, pôr o estudante² à prova, mudar de assunto subitamente, comunicar-se unidirecionalmente.*

² Utilizo aqui a palavra estudante por ter realizado uma adequação ao texto original que traz a palavra “paciente”, pois entendo que este referencial teórico pode ser utilizado também na relação entre o professor e o estudante.

Nesse sentido, o profissional, independente da sua área de atuação, deve tomar conhecimento das suas características individuais de pessoa e ter consciência de como isso repercute na sua habilidade de comunicar-se e nos relacionamentos interpessoais. É de vital importância conscientizar e despertar nos professores o interesse pelo uso da comunicação de forma efetiva para que aprendam a interagir e a relacionar-se com os adolescentes a fim de obterem uma relação de ajuda frutífera. Uma vez que, nesse tipo de relação, não é necessária nenhuma formação profissional específica para o seu desempenho, porquanto uma pessoa se compromete em relação à outra para oferecer, ajudar e resolver algum conflito. A vida se modifica quando se adquire a capacidade na utilização da comunicação e a utiliza em seus afazeres profissionais e pessoais (STEFANELLI, CARVALHO e ARANTES 2005; STEFANELI, 2005a). Destarte, quando utilizada assiduamente a comunicação terapêutica, verifica-se que ocorre uma incorporação da mesma ao comportamento habitual das pessoas que se valem dessas técnicas, promovendo assim, um incremento da competência interpessoal tornando-se um estilo de vida (MAFTUM, 2000).

Como referido anteriormente, Stefanelli (1993; 2005c), apresenta algumas técnicas ou estratégias para o desenvolvimento da competência comunicacional do profissional. Ela as classifica didaticamente em três grupos (expressão, clarificação e validação). Entretanto, a autora alerta para que o uso dessas estratégias não ocorra de maneira rígida e de modo repetitivo, uma vez que não se tratam de roteiros que podem ser utilizados mecanicamente ou de maneira seqüencial, mas que poderão ser utilizadas como linhas gerais de ação ou dicas, juntas ou isoladamente em uma mesma comunicação interpessoal.

O primeiro grupo, **Expressão** são utilizadas para ajudar o outro a demonstrar ou exteriorizar idéias e sentimentos, assim como descrever fatos vivenciados utilizando as seguintes estratégias: *usar terapêuticamente o silêncio, ouvir reflexivamente, verbalizar aceitação, verbalizar interesse, usar frases com sentido aberto ou reticentes, repetir comentários ou últimas palavras ditas pelo estudante, fazer pergunta, fazer perguntas relativas aos dados comunicados, devolver a pergunta feita, usar frases descritivas, manter o estudante no mesmo assunto, permitir ao estudante que escolha o assunto, colocar em foco a idéia principal, verbalizar dúvidas, dizer não, estimular a expressão de sentimentos subjacentes, usar terapêuticamente o humor.*

O segundo grupo, **Clarificação**, inclui as técnicas cuja finalidade é ajudar o profissional ou estudante a tornar claro, entender o que a pessoa quer expressar, ou seja,

tornar mais explícita a mensagem emitida pelo paciente: *estimular comparações, solicitar ao estudante que esclareça termos incomuns, solicitar que precise o agente da ação, descrever eventos em seqüência lógica.*

E o terceiro grupo, **Validação**, refere-se às técnicas que permitem verificar a existência de significação comum da mensagem expressa, ou seja, permitem ao profissional ou estudante constatar que a mensagem expressa pela pessoa foi corretamente entendida: *repetir a mensagem do estudante, pedir ao estudante para repetir o que foi dito, sumarizar o que foi dito na interação.*

Pelos conceitos discorridos nesta etapa do trabalho, acredito que fica evidente a importância para todos os profissionais da área da saúde e da educação envidarem esforços no aprendizado e aprimoramento em se comunicar terapeuticamente, principalmente quando se tratar de adolescentes. Isto para tornar suas ações mais efetivas possíveis, a fim de obter uma relação interpessoal professor-estudante adolescente com compreensão das especificidades da adolescência o que resultará em ajuda no seu desenvolvimento e aprendizagem.

4 METODOLOGIA

O principal objetivo de uma ciência, mais do que a simples descrição dos fenômenos empíricos, é estabelecer, os princípios gerais com que se pode explicar e prognosticar os fenômenos empíricos. Pode-se trabalhar com a pesquisa científica tão somente para verificar a presença ou ausência de um determinado fenômeno ou com a intenção de compreender melhor e descrever suas características, natureza, etc (RUDIO, 2003).

A minha opção pela pesquisa qualitativa se deu por conceber que ela é favorável à compreensão da realidade humana, permitindo assim, uma maior proximidade do pesquisador com o grupo pesquisado e é essencialmente utilizada em estudos com grupo de pessoas. Por trabalhar em profundidade, permite que se perceba a forma de vida das pessoas, ou seja, é válida para a observação de vários elementos ao mesmo tempo em um pequeno grupo (MINAYO, 2004).

O método escolhido é o descritivo e segundo Triviños (1987), os estudos descritivos almejam conhecer a comunidade, suas características, seus problemas entre outros, descrever os fatos e fenômenos da realidade. Com a utilização da pesquisa descritiva tem-se a preocupação de encontrar e observar fenômenos, com o intuito de descrevê-los, classificá-los e interpretá-los em uma determinada realidade (MINAYO, 2004).

4.1 ASPECTOS ÉTICOS

Os aspectos éticos nesta investigação foram respeitados mediante documento formal (Apêndice A) encaminhado à diretora da escola, no qual foi solicitada a permissão para realizá-la, havendo concordância imediata por meio de uma declaração (Anexo I). Na seqüência, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná – UFPR obtendo aprovação na reunião do dia 09/11/2005, permitido seu início (Anexo II). Para garantir ao máximo a coleta das informações para análise e discussão, solicitei a autorização dos participantes para a utilização de gravador. Foi observada a recomendação da resolução nº 196 de 10/10/1996, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, que

trata de pesquisa envolvendo seres humanos, mantendo o total sigilo e anonimato da identidade dos participantes por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) assinado por eles, após serem explicadas todas as etapas da pesquisa, facultando-lhes a participação voluntária e a desistência a qualquer momento, caso julgassem necessário, sem ônus algum (BRASIL, 1996).

4.2 SUJEITOS

Considera-se que os participantes ideais em uma pesquisa são aqueles capazes de refletir a totalidade nas suas múltiplas dimensões. Deste modo, é necessário estabelecer nitidamente o “grupo social mais relevante” para participar (MINAYO, 2004 p.102).

Os participantes dessa pesquisa foram sugeridos pela direção da instituição campo de estudo se caracterizando deste modo, em amostra intencional, que para Rudio (2003), esta estratégia se torna adequada, quando a escolha de uma amostra é capaz de representar a população que está sendo estudada. Desta forma foram escolhidos os profissionais que mantêm relacionamento mais próximo com os estudantes adolescentes e professores, considerados como um grupo relevante capaz de refletir a totalidade do fenômeno estudado. Participaram desta investigação onze profissionais do quadro de pessoal do colégio, os dois vice-diretores, sendo que um trabalha no turno vespertino e outro no noturno, seis coordenadores pedagógicos, distribuídos por três turnos (matutino, vespertino e noturno), três professores que atuam exclusivamente em sala de aula, mas que foram indicados pela diretora, devido a mesma reconhecê-los como professores que tem demonstrado interesse e facilidade no relacionamento com os estudantes colaborando normalmente nas resoluções de conflitos dos estudantes.

A participação desses membros da Coordenação Pedagógica foi estratégica, tendo em vista que eles podem agir como multiplicadores desse conhecimento, por meio da interação com os professores, estudantes e familiares. Nesse sentido, o coordenador pedagógico é a pessoa responsável pela assistência, viabilização, integração e articulação do desenvolvimento das tarefas didático-pedagógicas em contato direto com os professores, auxiliando-os a planejar, estabelecer e gerir situações de aprendizagem

de acordo com as necessidades dos alunos, em prol de uma situação ideal de qualidade do ensino (LIBÂNEO, 2004).

A coordenação pedagógica possui um importante papel dentro do cenário escolar. Sugere e organiza atividades de formação continuada e de desenvolvimento profissional dos docentes, além de estabelecer estratégias para gestão e manejo de situações específicas do cotidiano escolar para ajudar no diagnóstico e solução de conflitos, motivação dos alunos e também na forma como ocorre a comunicação dos professores. Identifica soluções para as relações interpessoais, até mesmo na mediação de conflitos que envolvam professores, estudantes e outros agentes escolares. Institui atividades de socialização para integrarem os estudantes na vida da escola mediante formas associativas de participação em deliberações. Realiza ainda ações para estreitar as relações entre a escola e a família, bem como a integração da escola na comunidade, mediante atividades pedagógicas, culturais e científicas (LIBÂNEO, 2004).

4.3 CENÁRIO

O cenário desta pesquisa foi um Colégio da Rede Pública Estadual de Ensino em Curitiba, que oferece o Ensino Fundamental, Ensino Médio e o Curso Profissionalizante de Técnico em Enfermagem.

Construído em 1980, sobre um terreno de mais de 8.000 m², o colégio tem uma área de 3.632 m² distribuídos em sete blocos, com acesso para deficientes físicos, e 35 salas de aula, duas bibliotecas, laboratório de informática e demais dependências necessárias ao funcionamento de um estabelecimento escolar.

Seu corpo docente é composto por 80 professores dos quais sete são Enfermeiros. Destes, 45 professores possuem Licenciatura Plena, enquanto os outros 35 professores possuem, além da Licenciatura Plena, cursos de Pós-Graduação.

O colégio, campo de estudo, conta com 69 turmas, totalizando um número de aproximadamente 2.647 alunos distribuídos no Ensino Fundamental, Ensino Médio e no Curso Profissionalizante de Técnico em Enfermagem, conforme Quadro 1, apresentado a seguir.

Quadro 1 - Demonstrativo dos estudantes do colégio estadual, de acordo com o nível de ensino, série, nº de turmas e total de alunos. Curitiba – 2006

NÍVEL DE ENSINO	SÉRIE	Nº DE TURMAS	TOTAL DE ALUNOS
Ensino Fundamental	5ª Série	8	314
Ensino Fundamental	6ª Série	9	320
Ensino Fundamental	7ª Série	9	328
Ensino Fundamental	8ª Série	9	336
Ensino Médio	1º Ano	13	550
Ensino Médio	2º Ano	10	372
Ensino Médio	3º Ano	8	306
Técnico em Enfermagem.		3	121
TOTAL GERAL		69	2647

Fonte: Dados fornecidos pela secretaria do Colégio – abril 2006.

4.4 OBTENÇÃO DOS DADOS

Esta é a fase do método da pesquisa cuja finalidade é conseguir obter informações da realidade. Para cada tipo de informação que se almeja, há uma infinidade de instrumentos e técnicas que podem ser empregadas e diversas maneiras de se tratar com elas (RUDIO, 2003). Neste trabalho optamos pela estratégia de coleta de dados mediante Discussão de Grupo. Essa estratégia de coleta de dados permite "*complementar informações sobre conhecimentos peculiares a um grupo em relação a crenças, atitudes e percepções*" (MINAYO, 2004 p. 129), pois em determinados grupos sociais desenvolvem-se opiniões informais de modo que tais fatos influem normativamente na consciência e no comportamento dos indivíduos (SCHRADER, apud Minayo, 2004).

A Discussão de Grupo como estratégia de obtenção de informações em pesquisa científica deve ser realizada com um número reduzido de participante, de 6 a 12 integrantes, uma vez que a pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade. Desta forma, a escolha dos sujeitos da pesquisa não pode ser dada ao acaso, se dá a partir de um determinado grupo, cujas idéias e opiniões são do interesse da pesquisa (MINAYO, 2004).

Outro aspecto que considero relevante a ser explicitado é que geralmente na Discussão de Grupo há a presença de um animador que intervém, tentando aprofundar a

discussão. O animador, todavia, deve ainda para que consciente ou inconscientemente, não induza o grupo pelas suas próprias concepções. É importante, portanto, que se utilizem técnicas, como as que Schrimshaw, citadas por Minayo (2004 p.130), resume: o animador – (a) introduz o tema da discussão e o mantém em pauta; b) destaca para o grupo que não há respostas certas ou erradas; c) estimula e encoraja a participação de todos; d) busca oportunidades na fala dos participantes para a continuidade da discussão; e) constrói relações com os participantes, a fim de aprofundar os assuntos que são mais relevantes para o grupo ou para o pesquisador, com as respostas e comentários; f) observa a comunicação estabelecida de forma não verbal e o ritmo dos participantes, para realizar o trabalho dentro do tempo proposto para o debate.

Ressalto que, neste trabalho, atuei no papel citado pela autora e ainda contei com a ajuda de um observador que fez anotações e gravações de áudio. Assim, o compartilhar no grupo trouxe oportunidade para o participante expor, construir e até reformular as suas concepções e, ainda refletir a respeito de sua relação interpessoal influenciando-os para um despertar e /ou um desejo de aprimorá-la.

Desse modo, acredito que foi importante a utilização de Discussão de Grupo para estimular a construção de conhecimentos e a troca de opiniões que pudessem influenciar no relacionamento interpessoal do adolescente. A Discussão de Grupo tem como objetivo extrair as opiniões, relevâncias e valores dos sujeitos. Dessa maneira, elegi os temas: adolescência, família, comunicação humana na relação interpessoal e comunicação terapêutica. Foi utilizada uma Discussão de Grupo para cada assunto, totalizando quatro encontros, que duraram aproximadamente uma hora e meia cada um, os quais aconteceram em turnos alternados, para facilitar a participação de todos, manhã e tarde, nas dependências do colégio em uma sala cedida pela direção, sendo que um encontro aconteceu no período da manhã e três no período da tarde, de acordo com agenda elaborada em conjunto com os participantes.

Os encontros foram gravados, pois segundo Cruz Neto (2004 p.63) “é possível trabalhar com sistema de anotação simultânea da comunicação ou fazermos uso de gravação”.

Na primeira Discussão de Grupo, distribuí um instrumento (Apêndice C) para cada participante, com a finalidade de obtenção dos dados de caracterização: nome, idade, tempo de formação, tempo de docência e nível de escolaridade. Também nesta reunião foi discutido o tema adolescência, suas características e desdobramentos. Na segunda Discussão de Grupo, o tema abordado foi o papel da família em face da

adolescência e da transformação social que vivenciamos atualmente no mundo. Na terceira Discussão de Grupo, foi tratado o tema comunicação humana e os tipos de comunicação mais utilizados e, na última, foi discutido o tema comunicação terapêutica e realizada uma avaliação de todo o trabalho desenvolvido.

4.5 ANÁLISE DOS DADOS

Existem três finalidades para esta etapa da pesquisa: compreender os dados obtidos, consolidar os pressupostos da pesquisa e / ou dar resposta às perguntas formuladas, e por último expandir o conhecimento a respeito da temática pesquisada, referindo-a ao contexto cultural da qual faz parte (MINAYO, 2004). O pesquisador tem perante si um aglomerado de respostas, que necessitam ser classificadas e organizadas, para que possam ser analisadas e interpretadas (RUDIO, 2003).

Para análise dos dados, utilizei a proposta de interpretação qualitativa de Minayo (2004 p.234), que sugere os seguintes passos para a sua operacionalização.

- 1- Ordenação dos dados. Nesta fase, faz-se um mapa de todos os dados conseguidos no trabalho de campo, e as ações pertinentes consistem em, por exemplo, transcrição de gravações, releitura do material, organização dos relatos e dos dados da observação.
- 2- Classificação dos dados. Neste momento é importante lembrar que o dado não existe por si só. É o resultado da relação dos questionamentos do pesquisador, com base em uma fundamentação teórica. Por meio de uma leitura exaustiva e repetida dos textos, estabelecem-se interrogações para identificar o que parece relevante. Essa atividade auxilia o pesquisador a elaborar as categorias específicas.
- 3- Análise final. Nesta etapa, estabelecem-se articulações entre os dados e a fundamentação teórica da pesquisa, respondendo às questões do estudo tendo como embasamento os seus objetivos e pressupostos. Desta forma, promove-se as relações entre o concreto e o abstrato, o geral e o particular, a teoria e a prática.

Os dados obtidos a partir das Discussões de Grupo são apresentados no tópico seguinte e foram organizados em 6 categorias temáticas. Tomei a decisão de apresentar os dados por categorias temáticas sem fazer menção se as mesmas emergiram de uma Discussão de Grupo específica, pois ao proceder as leituras exaustivas das mesmas, observei que os participantes discorriam a respeito de tópicos que em princípio eu previa discutir e esgotar em uma Discussão de Grupo acabava por encontrá-los novamente nas informações de outras. Isso me fez refletir o quanto essa temática é complexa e dinâmica e que envolve vários atores, aspectos e seguimentos da sociedade em geral.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta etapa, apresento os dados obtidos por meio da estratégia de Discussão de Grupo, em que inicio pela caracterização dos participantes apresentando informações como: sexo, idade, tempo de magistério, formação escolar e titulação e em seguida abordo as categorias que emergiram: 1) Adolescência: transição para o mundo adulto. 2) Saída do casulo para mostrar-se ao mundo. 3) Adolescer: a busca da identidade como ser humano. 4) Concepções e composição familiar: do passado à atualidade. 5) Família: papel e funções. 6) A comunicação na relação interpessoal do professor e estudante.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Do total de 11 participantes do estudo, a maioria, 10, é do sexo feminino. As mulheres em todas as sociedades desenvolveram atividades no mundo do trabalho, relacionadas com as características femininas, isto é, carreiras que possuem funções relacionadas com o universo familiar, com ênfase no cuidado de pessoas e com diminuto prestígio social, como a profissão do magistério e da enfermagem (SPINDOLA, 2003).

Em relação à idade, seis participantes encontram-se na faixa etária entre 20 e 35 anos, que segundo D' Andréa (1991) são adultos jovens na fase da vida marcada pela atividade econômica ativa com maior produtividade social e cinco participantes na faixa etária entre 35 a 50 anos que, segundo este mesmo autor, caracteriza esta fase como a meia-idade, na qual a pessoa começa a usufruir os frutos semeados anteriormente.

Com relação ao tempo de atividade profissional, dois participantes exercem a profissão de professor de 1 a 9 anos, seis de 10 a 15 anos, três de 16 a 20 anos. Todos os participantes são servidores públicos estaduais.

No quesito formação escolar, oito participantes são formados no curso de Pedagogia, uma participante é formada em Educação Física, uma no curso de Física e uma em Estudos Sociais. Em relação à titulação, todos possuem pós-graduação, sendo que cinco participantes possuem mais de uma especialização.

Os professores continuam sendo os principais agentes da formação dos alunos e, portanto, a qualidade dos resultados de aprendizagem é inseparável da sua qualificação

e competências profissionais. A formação continuada é condição para aprendizagem permanente e para o desenvolvimento pessoal, cultural e profissional de professores e especialistas. É na escola, no contexto de trabalho, que os professores enfrentam e resolvem problemas, elaboram e modificam procedimentos, criam e recriam estratégias de trabalho, e com isso, vão promovendo mudanças pessoais e profissionais (LIBÂNEO, 2004).

5.2 O PROCESSO DAS DISCUSSÕES DE GRUPO

Iniciei a primeira Discussão de Grupo com uma breve apresentação pessoal e profissional e logo após, cada participante fez o mesmo. Em seguida, reafirmei o objetivo, a metodologia da pesquisa e apresentei-lhes os temas que acreditava importantes de serem abordados durante os quatro encontros: 1) Adolescência, suas características e desdobramentos. 2) O papel da família. 3) Comunicação humana e os tipos de comunicação. 4) Comunicação terapêutica. A eleição de tais temas sucedeu das leituras que realizei a respeito da temática estudada bem como da minha crença de que a compreensão dos mesmos, pelos professores e demais profissionais que trabalham com adolescentes, ajudam na efetivação de um relacionamento interpessoal com ele. Entretanto, não fiz a defesa da escolha dos temas, apenas apresentei e solicitei que apreciassem a importância e a relevância deixando-os livres para que discordassem ou não e ainda que sugerissem outros. Todos concordaram com os temas propostos e não apresentaram nenhuma sugestão. Na sequência, entreguei-lhes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para assinatura, bem como um instrumento para preencherem, a fim de obter os dados para caracterização dos participantes.

Este encontro teve por finalidade levar os professores à discussão e reflexão dos conteúdos relativos à adolescência. Para tanto, apresentei três questões a serem discutidas: O que vocês entendem por adolescência? Quem é a pessoa adolescente? Quais as características específicas do adolescente? Para iniciar as discussões fui apresentando as questões uma a uma. Deixava a palavra livre intervindo somente quando percebia que estava havendo dificuldade na progressão das idéias. Assim, estimulava a discussão, objetivando a manifestação de opiniões, a elucidação das

dúvidas apresentadas, em outros momentos a confirmação do que eles haviam dito. Entretanto, lembrando as estratégias da comunicação terapêutica, segundo Stefanelli (1993 e 2005), cuidava para não induzir, utilizar bateria de perguntas, pressupor compreensão das mensagens entre outras para não interferir ou prejudicar a expressão das percepções, crenças e valores do grupo em relação ao tema em discussão. Ressalto que ao agir deste modo, me ocorreu que naquele momento estava também fazendo o uso do referencial teórico.

Após ter explorado ao máximo o tema com os professores, fiz exposição com discussão sobre os conteúdos: conceito de adolescência, a fase da adolescência e suas características específicas. Durante a exposição, utilizei idéias de autores que compuseram o tópico da revisão de literatura desta investigação, entre outros.

As Discussões de Grupo subseqüentes ocorreram da mesma forma que a primeira, diferindo somente no fato de que os acordos e esclarecimentos relativos à pesquisa já haviam acontecido e que na última teve uma avaliação geral dos trabalhos. Iniciei a segunda Discussão de Grupo pela apresentação do tema, “O papel da família” com a finalidade de tratar de conteúdos relacionados à família, escola e a influência desses na vida dos adolescentes, pois acredito que para compreender o adolescente é necessário conhecer a família na qual ele convive. As questões para estimulação da discussão pelos participantes foram: O que é família? Como se compõem as famílias? Quais as funções da família? Após ampla discussão dos temas, entreguei um texto relacionado ao tema família como apoio didático-pedagógico e em seguida procedi à teorização e discussão do mesmo.

Na terceira Discussão de Grupo, apresentei o tema “Comunicação Humana e as formas mais utilizadas na relação interpessoal” seguido das questões estimuladoras de discussão: o que é comunicação? Quais as formas de comunicação que vocês conhecem?

Na última Discussão de Grupo além do tema “Comunicação terapêutica” procedi à avaliação dos temas discutidos pedindo aos participantes para externarem os seus sentimentos e opiniões em relação às Discussões de Grupo e sugestões para a continuidade e aplicação ao seu cotidiano escolar.

5.3 AS CATEGORIAS TEMÁTICAS

Na seqüência, apresento as categorias temáticas enriquecidas de relatos dos participantes obtidos por meio de gravação em áudio, anotações do observador e do pesquisador.

5.3.1 Adolescência: transição para o mundo adulto

Foi possível observar que, para os participantes, a adolescência consiste em uma etapa do desenvolvimento humano, de transição entre a infância e a vida adulta. Eles consideram que neste processo o adolescente necessita passar por transformações corporais, devido à puberdade, o desenvolvimento dos órgãos sexuais e a capacidade de reprodução. Para eles, esta fase representa uma ruptura com transformação da relação infantil para uma relação mais madura e independente que tem por objetivo preparar o adolescente para a vida adulta como pode ser observado nos relatos a seguir:

“É uma fase de transição, de mudanças, da criança para o adulto (...) Ele deixa de ser criança e passa a ser um pré-adulto...”

“... é o indivíduo passando da fase infantil para a adulta (...) sendo uma fase de transição que ocorre muitas transformações necessárias para a criança se tornar um adulto”.

Adolescência para os entrevistados é um período de transição entre a infância e a idade adulta. Neste sentido, Aberastury (1981), refere que ingressar para o mundo dos adultos significa para o adolescente deixar de ser criança. É um momento em que se evidencia o processo de separação – individualização, crucial na sua vida e constitui um evento decisivo de um processo de desprendimento que iniciou com o nascimento. Sendo que nas diferentes culturas este período pode variar, como varia o reconhecimento da condição adulta que se dá à pessoa.

Transição é compreendida como uma situação passageira de atravessar de um estado ou uma condição a outro. Esse processo de transição envolve diversas circunstâncias em relação ao adolescente, os quais podem dificultar ou facilitar sua

passagem. A transição, em geral, provoca crise, a qual aparece como resposta aos eventos causadores de mudança, que se dissipam assim que seja alcançada a adaptação à nova fase. A transição, contudo, é extensa, duradoura, é um momento em que o adolescente precisa utilizar os vários recursos disponíveis pessoais ou não, para enfrentá-la e adaptar-se, seja no contexto individual, familiar ou social (ZAGONEL, 1999). Entretanto, existe, como alicerce de todo esse processo, uma situação especial, que é atributo próprio do processo adolecer em si, ou seja, uma circunstância em que força a pessoa a reformular os conceitos que tem em relação a si mesmo e que o levam a abdicar a sua auto-imagem infantil e projetar-se no futuro de sua vida adulta (ABERASTURY, 1981).

Quanto a explicitar o conceito de adolescência, os participantes externaram que é muito difícil falar do início e do término desta fase da vida considerando-a uma faixa de idade, sendo que o período mais adequado estaria relacionado ao grau de amadurecimento da mente, responsabilidade e experiência de vida. A ênfase em seus discursos é que a maturidade é mais importante do que a idade cronológica e está diretamente relacionada à capacidade de assumir responsabilidades e ponderar nas decisões fazendo escolhas mais adequadas, pois o comportamento e a maturidade do adolescente nem sempre condiz com a idade que ele tem e nem com o volume e tamanho corporal, que, às vezes, mais se assemelha ao de um adulto.

“A adolescência é aproximadamente entre 10 a 16 anos, mas, alguns adolescentes diferem na idade de início e final da adolescência. Têm aqueles que iniciam antes e outros acabam bem depois”.

“...é mais no limite psicológico que defino a adolescência, ou seja, é nos seus comportamentos, na sua atitude (...) percebo que a adolescência, está acontecendo bem antes, as meninas de 10 anos não querem mais brincar de bonecas”

“...mas a idade cronológica nem sempre bate com a idade mental (...) pois temos alunos muito responsáveis, já na quinta série e outros que estão quase fazendo o vestibular, sem nenhuma responsabilidade...”

É mais fácil estabelecer a fase da adolescência em relação à puberdade, uma vez que a maturação sexual, ou seja, o desenvolvimento de caracteres sexuais femininos e masculinos, pode ser acompanhado a olho nu facilitando a sua identificação, o que ocorre em torno 12 a 15 anos, com o término por volta de 18 anos (ZAGONEL, 1999).

As transformações características desta fase ocorrem de maneira desigual, sendo que muitas vezes, o emocional não se desenvolve na mesma escala que o físico. Portanto, para D'Andrea, (1991), alguns autores preferem dividir a adolescência considerando como referencial a puberdade fisiológica, classificando-a em pré-púbere, puberdade e pós-puberdade, pois os limites da adolescência não são fixos e variam de acordo com fatores constitucionais, psicológicos, sociais e geográficos. As afirmações dos autores podem justificar o porquê de os professores relatarem dificuldade em responder corretamente a faixa etária da adolescência.

Na atualidade, a adolescência está se prolongando e muitos fatores podem cooperar para este fenômeno. O ambiente em que está inserido o adolescente, o desejo pessoal de assumir uma postura adulta, a menarca e a iniciação sexual precoce, colaboram para que a adolescência ocorra em idades mais tenras que antes. Pode-se acrescentar a esse rol de fatores o processo de qualificação / formação profissional que acrescenta em média 10 anos de estudos para uma busca contínua pelo aprimoramento e competitividade no mercado de trabalho. Isso exige maturidade, dedicação e competência do núcleo familiar e contribui para o prolongamento da adolescência em alguns aspectos (ZAGONEL, 1999).

A adolescência é constituída de diversas peculiaridades, dessa forma não necessita possuir época precisa para o seu início e término. Assim, para o término da adolescência são necessários alguns atributos: satisfazer as necessidades de interação com o sexo oposto; a capacidade de assumir compromissos profissionais e manter-se; a aquisição de um sistema de valores pessoais, sua própria identidade; libertar-se da dependência familiar mantendo uma relação de reciprocidade (D'ANDREA, 1991; ZAGONEL, 1999).

O Ministério da Saúde recomenda que seja considerado o adolescente, indivíduos na faixa etária de 10 a 19 anos, para fins de estratégias e programas especiais. A Organização Mundial de Saúde considera adolescente, a pessoa com até 20 anos de idade. Em países como os Estados Unidos, até completar a idade de 25 anos ainda é considerado adolescente. Essa diferença nos períodos etários deve ser compreendida como sendo os valores mais freqüentes em determinados grupos, admitindo-se, em torno deles, uma ampla faixa de variação, porque uma cronologia absoluta não representaria a variedade dos fenômenos humanos, sendo relevante lembrar que é difícil encontrar pessoas entre 10 e 20 anos cujas transformações biopsicossociais ocorram de modo articulado e simultâneo (ZAGONEL, 1999). Destaco

que o ECA, considera adolescente a pessoa entre 12 a 18 anos incompletos (BRASIL, 1991).

O corpo físico assume dimensões significativas na vida do adolescente, uma vez iniciadas as transformações corporais, o jovem passa a viver todo esse processo passivamente, sem poder interferir, o que determina intensa ansiedade e cria inúmeras fantasias. Dessa forma, o adolescente passando pelas mudanças físicas está realizando um processo de adaptação perante a sociedade refletindo seu auto-retrato, isso pode ser verificado mediante os seguintes relatos:

“É aí que ocorrem todas as mudanças físicas, porque seu corpo vai mudar, as meninas apresentam formas mais arredondadas...”

“É uma fase de transformações do corpo (...) os meninos começam a falar diferente, a barba começa a aparecer....odores fortes em função das transformações hormonais...”

As modificações corporais constituem a parte da adolescência denominada de puberdade, caracterizada pelas mudanças físicas em três níveis fundamentais. No primeiro nível, ocorre a ativação dos hormônios gonadotróficos da hipófise anterior que produz o estímulo fisiológico necessário para a modificação sexual desta fase do desenvolvimento humano. No segundo nível, tem-se a secreção gonadotrofina hipofisária e do hormônio de crescimento da mesma hipófise que tem a função de estimular a produção de gametas femininos e masculinos. No terceiro nível, o desenvolvimento das características sexuais primárias (como o aumento do pênis, dos testículos, ou do útero e da vagina) e o desenvolvimento das características sexuais secundárias, como por exemplo, aparecimento do pêlo pubiano, a mudanças de voz (ABERASTURY, 1981).

As mudanças físicas, que alteram substancialmente a imagem corporal anterior de menina e menino, causam desconforto e ansiedade para alguns adolescentes. Por outro lado, os participantes comentaram que outros exibem comportamentos de competição e de querer se mostrar / exibição ao mundo acompanhados de sentimento de onipotência como sendo próprias da fase da adolescência:

“A competição está muito presente nesta fase, querem chamar a atenção do futuro companheiro, querem aparecer até para os professores...”

“Essa fase da adolescência é purinha de querer se aparecer... ele está se expondo quando mostra parte da cueca...”

As qualidades psicossociais que são marcantes durante a adolescência (energia, sexualidade, força, destemor, violência, impulsividade, prepotência, desafio, entre outros) são próprias do complexo processo de perdas e novos investimentos em relação ao próprio corpo, a auto-imagem e na relação com os pais da infância. Experimenta o conflito entre construir-se e integrar-se à nova identidade resultante das descobertas de suas potencialidades afetivas, intelectuais, sociais e físicas (LEVISKI, 1998).

Em relação às mudanças psicológicas que ocorrem na adolescência os sujeitos externaram pouca profundidade sobre o assunto, podendo denotar dificuldade na compreensão desses aspectos desta etapa da vida humana ou desconhecimento do adulto em relação ao modo de pensar dos adolescentes, resultando talvez no principal motivo de desentendimento entre eles.

“... sofre transformação mental, social...”

“...fase de transformações psicológicas...”

“...passa por transformações mentais, psicológicas e sociais...”

“...se ocorre mudanças mentais, quer dizer que ele vai ser mais capaz?”

No adolescente, além das mudanças físicas, ocorrem transformações multidimensionais, como moral, cognitiva e sexual; todas interligadas exigindo uma reorganização da sua nova identidade. Apesar de vivenciar uma confusão de sentimentos na adolescência, existe a eclosão da criatividade e o amadurecimento intelectual aguçando sua inteligência, raciocínio e conhecimento de vida. Muitos adolescentes procuram soluções teóricas para os seus problemas transcendentais e a necessidade de intelectualizar e fantasiar acontece como uma das formas típicas do pensamento, considerados como mecanismos defensivos face a situações de perdas tão dolorosas (ABERASTURY, 1981).

Embora houvesse dificuldade em discorrer a respeito das transformações psicológicas da fase da adolescência, os participantes se mostraram preocupados com a ocorrência de situações em que são mencionados aspectos relacionados à dimensão

psicológica, como a instabilidade gerada pela transição, desequilíbrio emocional, contrariedade pelo mundo dos adultos. Relataram que têm observado que a depressão está muito presente nos seus alunos adolescentes.

“Eles apresentam agressividade extrema, alguns são depressivos e a maioria insatisfeitos.”

“Na nossa escola no ano passado, tivemos duas tentativas de suicídio dos nossos alunos...”

Em meio a essas transformações, os aspectos emocionais na adolescência são muito instáveis, e podem resultar em sentimentos de impotência, insegurança e ambivalência gerados pelas mudanças rápidas do seu corpo, a baixa auto-estima e à indefinição de projeto de vida levam muitos adolescentes a quadros depressivos e a tentativa de suicídio (AVANCI, 2004). O adolescente possui uma sensibilidade muito aguçada acerca da sua imagem corporal e reage com ansiedade e frustração ante a uma imagem idealizada, podendo levá-lo a estados depressivos, como fator de desvalorização (LEVISKI, 1998).

Em uma pesquisa realizada por uma enfermeira, em uma Unidade de Urgência Psiquiátrica, procurou-se caracterizar o adolescente que tenta suicídio e destaca alguns aspectos: que, na maioria das vezes, têm uma visão imatura da morte; fazem para chamar a atenção, pois vivenciam algum tipo de conflito, seja relacionado ao desentendimento ou rompimento de um relacionamento amoroso ou familiar; problemas na escola, com amigos, ou ainda conflitos internos em relação à sua sexualidade, sua auto-imagem e auto-estima que também interfere em suas relações sociais (AVANCI, 2004).

A sexualidade em todas as suas formas de expressão, sempre foi assunto polêmico e não seria diferente no contexto escolar. Na adolescência, em um primeiro momento, a sexualidade se apresenta como mudança física, psicológica e social ao mesmo tempo, pois a nova conformação do corpo e suas atitudes impõem-lhes uma nova relação com a sociedade. Essa mudança social pode ser agravada e potencializada, se juntamente ao processo natural de se abrir para o mundo com a expressão física de um novo corpo e suas atitudes, vier acrescido da gravidez precoce, o que vai alterar

significativamente o viver do adolescente em relação a si mesmo, à família, à escola e tudo o mais que o cerca.

Chamou-me a atenção o fato que a sexualidade foi pouco debatida, embora a literatura que trata da adolescência em sua maioria fazem referência às mudanças sexuais pela maturação física inerente ao desenvolvimento humano, independente do querer ou não do adolescente, tais alterações, por vezes são causadoras de intenso sofrimento psíquico. Ao pesquisar a respeito do tema para a realização desta investigação, encontrei uma diversidade de trabalhos desenvolvidos por profissionais da saúde e da educação em escolas de ensino fundamental e médio, porém a sua maioria com enfoque na sexualidade, na gravidez precoce e na prevenção do uso e abuso de drogas. Durante as Discussões de Grupo, a sexualidade não foi um tema abertamente discutido e isto se dá talvez segundo Pavão, Costenaro e Dias (2005) pela dificuldade em aceitar essa questão no meio dos adolescentes, procurando-se manter a falsa idéia de sua inocência e pureza que está diretamente ligada à figura infantil. Estas atitudes contribuem para a formulação de visões preconceituosas e equivocadas sobre o assunto. Ainda assim, foi possível extrair os seguintes relatos:

“...também é uma fase com sexualidade aguçada...”

“... intimidade, criar um vínculo de intimidade com as pessoas de maneira agressiva...”
[referindo-se aos rapazes que andam exibindo suas roupas íntimas].

Para muitas pessoas, talvez ainda seja difícil admitir a idéia da sexualidade na infância ou adolescência, pois é forte a noção de inocência e pureza associada às crianças que estão passando aos poucos para a vida adulta. É necessário que os docentes estejam suficientemente preparados para terem domínio sobre esse assunto. O papel da escola deveria ser o contrário, de abrir espaço para a discussão, respeitando a diversidade e as diferenças de opinião (PAVÃO, COSTENARO e DIAS, 2005).

Devido às progressivas modificações no âmbito da sexualidade dos adolescentes, com maior liberdade de atuação sexual e com a menarca ocorrendo cada vez mais cedo, a iniciação sexual acontece precocemente, expondo-os ao risco de uma gestação indesejada. Atualmente no Brasil, 30% das adolescentes entre 15 e 19 anos têm vida sexual ativa e 20% das crianças que nascem a cada ano são filhos de adolescentes. Esses índices apontam que hoje, em relação à década de 70 do século passado, três vezes mais adolescentes com menos de 15 anos engravidam (FIA, 2006).

Dados como esses, por si só falam a respeito da importância de discussão e abordagem desse tema entre os profissionais que trabalham com adolescentes e também com os adolescentes na rotina do dia-a-dia da vida escolar.

Conquanto, o tema sexualidade tenha sido abordado nas Discussões de Grupo com pouca ênfase e profundidade, pude observá-la presente no cotidiano escolar, por meio de uma de suas manifestações mais evidente que a sociedade não consegue ignorar, a sua prática efetiva que, por vezes, resulta na gestação na adolescência.

“Na oitava série, tenho uma aluna que teve neném agora...”

“Eu tenho uma aluna, ela usa aparelho nos dentes, acabou de ganhar neném, menininha assim, nem tem corpo de mulher...”

“Então no momento que a pessoa está grávida a gente tem que fazer o quê? Tem que tentar solucionar da melhor maneira possível...”

Os professores expressaram preocupações diante da gravidez inesperada do adolescente. Isto se deve à preocupação em conhecer as necessidades e os problemas vivenciados pelos adolescentes, acrescidas as dificuldades próprias de sua fase desenvolvimental. Dessa forma, tentam fornecer suporte apresentando os recursos disponíveis para o enfrentamento e organização do novo papel que lhe é exigido pela maternidade.

A gravidez indesejada na adolescência emerge como um problema, um risco a ser evitado, pois é uma condição inadequada em sua idade, seja ela planejada ou não. Apresenta aspectos desagradáveis relacionados aos fatores que são desencadeados e representa comprometimento para o desenvolvimento pessoal, social e profissional da jovem gestante, como a perda da liberdade, interrupção dos estudos e desarmonia nas relações familiares (ZAGONEL, 1999).

5.3.2 Adolescer: a busca da identidade como ser humano

Para os participantes desse trabalho, o adolescer se caracteriza em uma fase da vida em que a pessoa está em constante processo de desestruturação e reestruturação, o adolescente vive várias perdas e conquistas, em uma transição da identidade infantil

para a adulta, é a busca de si mesmo, influenciando na consolidação da estrutura básica da personalidade. Isso ocorre em função das aquisições progressivas da personalidade.

Para o contexto do estudo, os adolescentes testam limites, são contestadores, críticos em demasia, querem que suas idéias sejam as prevalentes, não crêem ter limitações, estando sempre à procura de novos desafios, impetuosos, mas, imaturos e inseguros e procuram se firmar por meio de grupos de referência. Essa disponibilidade foi observada nos relatos dos professores.

“... às vezes a gente chega e fala boa tarde criança, eles ficam horrorizados e respondem, somos adolescentes...”.

“Eles querem se firmar como pessoas, como indivíduo, contestar, não ser igual, ser diferente, chegar onde nós chegamos...”.

“Os adolescentes se posicionam no sentido de que prevaleçam seus anseios, querem ser ouvidos e atendidos”.

O adolescente procura a sua reconfiguração e resignificação enquanto surge um novo ser diante da complexidade dos diversos sentimentos e sensações que ele começa a experimentar. A formação da identidade é um processo mental de reflexão e observação que ocorre simultaneamente e inconscientemente, no qual o adolescente julga a si mesmo a partir daquilo que entende ser a maneira como os outros o julgam (ZAGONEL, 1999).

O árduo e longo processo de busca de identidade ocupa grande parte do seu vigor e é decorrente da perda da identidade infantil que se apresenta quando começam as mudanças corporais (ABERASTURY, 1981). Ao buscar sua própria identidade, o adolescente tem que se diferenciar de seus pais e por isso tem que negá-los para poder ser ele mesmo, necessita da contraposição para alcançar seus próprios valores e constituir sua auto-imagem. Assim, o conflito de gerações passa a fazer parte da vida (LEVISKI, 1998).

Outra questão que é comumente observada no comportamento adolescente são as situações de conflito com suas amigas, rancor, mágoa e revolta com os pais [e professores], pela forma provocativa com que os adolescentes agem, com desrespeito, insubordinação e indignação (ZAGONEL, 1999). Essa situação também é notada dentro do ambiente escolar.

“Eles acham que já sabem tudo e ainda vem interrogar e querem discutir, com a gente, muitas vezes sem razão...”

“São mais críticos, são bem críticos porque os adolescentes de hoje em dia, possuem mais informação...”

Fica evidenciada nessa época da vida a habilidade que o adolescente possui de raciocinar e de estabelecer relações combinatórias em nível abstrato. Sendo que a inteligência formal é o ápice da evolução intelectual. É capaz de formular hipóteses e estabelecer um raciocínio pautado coerentemente. Adquire capacidade para questionarem várias facetas da vida e aumenta seu acervo cultural. É o início da vida introspectiva e da busca de suas verdades (AVANCI, 2004; ABERASTURY, 1981).

Dentro dessa necessidade de intelectualizar e fantasiar, surgem as grandes teorias filosóficas, idéias de salvar a humanidade, opção por movimentos políticos, etc. É também nessa fase que o adolescente começa a escrever versos, contos, novelas, dedicando-se a atividades artísticas e literárias (ABERASTURY, 1981). Muitos adultos, afirmam que os adolescentes são rebeldes, desajustados, que protestam contra os valores sociais, mas não conseguem, apresentar alternativas significantes para mudar positivamente a ordem social que criticam (D'ANDREA, 1991).

Observei, nos relatos dos participantes, e também tenho lido e aprendido com colegas que vivenciam a fase de adolescência de seus filhos nessa etapa, que a necessidade de introspecção fica tão visível que o adolescente se recolhe no universo de seu quarto e quer proteger os seus pertences e idéias que registram em diários, cadernos, cartas, que muitas vezes, nem são remetidas aos destinatários ficando apenas no nível dos sonhos e abstrações. Esse comportamento normalmente é mal interpretado pelos pais e familiares e surgem muitas vezes os questionamentos e temor de que esse recolhimento seja para proteger os pais de descobrirem envolvimento escusos, como por exemplo, o uso de drogas. Nesse sentido, acredito que uma ação antecipatória dos pais e dos educadores é a de se relacionar em profundidade, de interesse pela vida do adolescente, desde a infância e não procurar adentrar bruscamente em seu mundo no momento em que ele realmente necessita de um espaço para firmar-se como pessoa, em busca da identidade própria. Ainda que seja difícil conhecer o adolescente, a relação que começou bem antes das grandes mudanças vivenciadas terá mais possibilidade de êxito nessa fase, do que aquelas em que os pais e professores se mantiveram distantes.

A adolescência é um período da vida de ajustamento com a sociedade, seus familiares e consigo mesmo. Para que isto aconteça realmente, o adolescente se opõe a determinados valores, dogmas, preconceitos, estigmas impostos pela sociedade, pois a sua atitude de espectador infantil passa para uma atitude ativa e questionadora, que resulta em mudança do seu comportamento. Este momento é essencial ao desenvolvimento que o leva a vivenciar o mundo de diversas formas, porém, nem sempre ele é compreendido. Isto fica evidente nas falas dos professores quando se referem à adolescência.

“... é um momento da vida que surgem todas as dúvidas e questionamentos em relação ao que há de vir...”

“...tempo de instabilidade emocional muito grande (...) é uma fase de dúvidas e questionamentos...”

“... às vezes falo, vocês querem ser adultos, mas têm comportamentos de crianças que estão na 5ª e 6ª séries, porque fazem bagunça na sala de aula, brigam no intervalo por motivo fútil...”

Um aspecto importante que deve ser ressaltado, é que a adolescência não ocorre de forma linear, pois a passagem da vida infantil para a adulta se faz gradativamente. O adolescente vai conquistando seu espaço e autonomia, experimentando uma possível independência que exigirá novas competências e mudanças nos padrões de comportamento. No entanto, esse adolescente possui ainda o desejo de ser protegido e provido com as mesmas regalias de sua infância. Desse modo, a adolescência se constitui de movimentos com flutuações entre manter a dependência infantil e assumir a independência adulta diante da separação dos pais que ocorre aos poucos. Essa característica demonstra a instabilidade, desarmonia que o adolescente vivencia nessa etapa, já que o processo de desligamento é doloroso, porém necessário para o desenvolvimento humano (ZAGONEL, 1999).

O adolescente ao se projetar na vida adulta, num futuro bem próximo, vai descobrindo seus espaços na sociedade, sonha com o amanhã, possui desejos e ambições, constrói projetos de vida e ensaia as suas possíveis ocupações. Esses sentimentos foram relatados como muita ênfase pelos participantes.

“É um tempo de anseios, de desejos, de expectativas e descobrimentos de si mesmo e da realidade...”

“Mesmo com toda realidade deles, eles têm um sonho de se tornar isso ou aquilo é uma fase de anseio do adolescente...”

“São sujeitos repletos de sonhos, desejos, anseios, e expectativas em relação a tudo que envolve o seu futuro...”

A adolescência foi apontada pelos participantes como uma fase de expectativas para o futuro, ou seja, adquirir condições para cuidar do seu próprio destino, a fim de atingir a condição de adulto. O adolescente está em busca de caminhos que se ajustem aos anseios de realização física, psíquica, emocional, social e profissional lutando para buscar o aprimoramento do seu corpo de conhecimento. O modo como os participantes externaram suas opiniões e crenças a respeito da adolescência durante as Discussões de Grupo, primeiramente dá a conotação de uma linha do tempo, como sendo as primeiras preocupações as relativas aos aspectos físicos, porém no decorrer dessas preocupações que envolvem o despertar do adolescente para esse novo mundo, surgiram como uma explosão de diversidade de sentimentos e vivências concomitantes. Ressaltamos que, de um modo geral, os participantes vêem todas as transformações como um itinerário a culminar na entrada para o mundo do adulto e reconhecem que para o adolescente atingir a maturidade, chegar à fase adulta e se estabelecer profissionalmente, é importante que tenha um projeto de vida.

Em nossa cultura, para integrar-se definitivamente no mundo dos adultos, o adolescente precisa enfrentar o problema vocacional, decidir-se em relação a uma profissão. O futuro é importante ao adolescente, pois o sonho de um novo *status* social, muitas vezes é diferente daquele oferecido pelos adultos; a idealização de profissões que estão sendo valorizadas no momento pela sociedade, um espaço prometido ou idealizado e que muitas vezes não está tão acessível. Todavia, não consegue analisar que, para alcançar tais expectativas, precisa percorrer as várias etapas da vida (LEVISKI, 1998; ZAGONEL, 1999).

A escolha da ocupação representa um dos caminhos para definição pessoal e orientação da vida, pois reflete o desenvolvimento e integração da personalidade. Quando a pessoa pode escolher sua profissão, essa escolha é motivada por defesas a impulsos inconscientes (D´ANDREA, 1991). É relevante que os professores auxiliem o estudante adolescente, na elaboração de um projeto de vida, ajudando-o a trilhar o seu próprio destino, entendendo e estimulando os seus potenciais, sua criatividade e as suas

capacidades. Saber ouvir para ajudá-los a compreender o que sentem, pensam e como organizam suas escolhas é importante para perceber o que poderá motivá-lo.

Acredito que quando o adolescente tem um foco, uma idealização, um sonho a ser alcançado ele mantém sua atenção para atingir tal finalidade e assim sua mente é, de certa forma, protegida de algumas distorções que poderiam afetá-lo, como por exemplo, o envolvimento com drogas. A escola é um espaço geográfico e de oportunidades para acolher o sofrimento, dificuldades no desenvolvimento geral, potencializar o que de bom e produtivo o estudante possui, com possibilidades de estimulá-lo a focos de interesses saudáveis e, ainda, de recuperar aqueles que possam ter se envolvido em situações de conflitos e conseqüências desastrosas. É necessário que professores, diretores e demais trabalhadores de educação e da saúde tenham sensibilidade, olhar atento e vontade de expandir o leque de oportunidades de ações que despertem o interesse, a fim de conquistar confiança daquele ser que se encontra em pleno desenvolvimento humano. Nesse sentido, é necessária uma comunicação com interesse genuíno pelo adolescente, que demonstre preocupação com ele, capaz de fazê-lo sentir-se sujeito, centro da relação entre professor e estudante.

A comunicação é a base de todas as ações dos profissionais de enfermagem, pois é através da comunicação com o cliente / estudante, que o compreendemos em seu todo, sua visão do mundo, maneira de pensar, sentir e tomar decisões. Somente dessa forma temos como identificar os seus problemas, com base na sua própria significação dos fatos que lhe ocorrem, na tentativa de ajudá-lo a encontrar maneiras de manter ou restabelecer sua saúde. Melhor ainda, ajudá-lo a sair das situações que lhe acontecem de forma mais amadurecida, sendo fortalecido pela experiência vivida, pois cada vivência compõe uma aprendizagem, que por sua vez sugere mudança de comportamento (STEFANELLI, 1993). Assim, acredito que a comunicação pode também ser a base para profissionais da educação e que por meio dela é possível que os professores beneficiem seus alunos, principalmente durante a fase da adolescência.

A separação da família para a sociedade, em busca da individualização, modifica o modo de pensar, momento que experimenta maior responsabilidade, mudanças de comportamento, sentimentos, e também seu modo de agir. Todas essas características também foram percebidas pelos professores:

“Vivem procurando seu espaço (...) está querendo conquistar o espaço dele...”

“Eles acham que podem tudo, não devem obediência a ninguém, que já são capazes de decidir tudo...”.

“Eles querem ter uma independência muito grande de tudo...”.

“A maioria tem responsabilidades, de arrumar a casa, de fazer o almoço, cuidar de um irmão menor”.

“Quando a criança entra na adolescência, ela passa a ter compromissos sociais, vão a festas, shows. Antes o convite chegava em casa para os pais agora, eles são os convidados e muitas vezes, excluem os pais”.

Faz parte da individualização e do crescimento do adolescente, assumir maior responsabilidade, superar a dependência familiar, isto é, emancipar-se emocionalmente - é importante fator para que o adolescente atinja a maturidade. Os compromissos sociais são atitudes normais de quem está se preparando para as responsabilidades futuras. Comumente, os adolescentes adquirem esta vivência, participando de festas, bailes, piqueniques, teatros, cinemas. O adolescente, nessa circunstância para a promoção de sentimento de independência, provoca ataques frontais apenas para diferenciar as duas gerações (D'ANDREA, 1991).

Outra característica muito forte durante essa fase é a tendência grupal. Os adolescentes se identificam com outros jovens, passam a andarem juntos e até mesmo com as mesmas roupas, formando um grupo que possui uma identificação e características próprias, alguns são facilmente identificáveis pelos usos e costumes. Isso é percebido e relatado também pelos participantes.

“... eles estão usando tiarinha, brinco, essas coisas...”

“...a moda deles é andar como se estivessem sujos, com as pernas abertas, e rebolando, corpo curvado para frente...”

“... você viu agora a nova moda, aqueles meninos, os três de camisetas cor de rosa, eles sentam juntos na sala...”

“... parece que quanto mais embaixo as calças estão, mais confortáveis eles se sentem ... mais liberdade eles sentem...”

“...então a gente que olha essa moda, eu não sei, eu acho que eles se sentem confortáveis... [se referindo às calças largas e abaixo da cintura]” .

Algumas vezes, a participação dos adolescentes em determinados grupos, não é tão bem aceita por parte dos professores, tendo em vista as características do grupo e, não raras vezes, ocorre conflito de gerações.

“Dá vontade de quando você vê estas calças lá embaixo, dá vontade de colocar no lugar...”

“...às vezes eu falo: Faça-me um favor, levanta essas calças um pouco, eu não quero ver a sua cueca. Ele coloca aqui em baixo [o docente colocou as mãos bem abaixo do umbigo para demonstrar o que estava dizendo], é horrível!”

Os processos de identificação são fundamentais na adolescência, sendo que o adolescente apela às situações que proporcionem segurança e estima pessoal. Isso se dá devido à uniformidade, em que todos se identificam com cada um, em especial, nos indivíduos que representam a possibilidade de sobrevivência. Ocorre o processo de dupla identificação em massa, o que explica, pelo menos em parte, o processo grupal do qual participa o adolescente (ABERASTURY, 1981; LEVISKI, 1998).

É nessa fase que o grupo passa a exercer sua grande função modeladora, diante da transformação de sua identidade adulta, que ocorre favorecendo o aparecimento de sentimentos de fragilidade, aumentando a sugestibilidade, período altamente vulnerável e suscetível às influências ambientais, construtivas e destrutivas. Dessa forma, o que o grupo determina é aceito sem muita reflexão (LEVISKI, 1998).

Nesse momento, o adulto é essencial; figuras com as quais se identifique devendo influenciar de maneira positiva e construtiva, e ao mesmo tempo, que o façam perceber-se diferentes deles (LEVISKI, 1998). Os adolescentes precisam reconhecer que há pessoas mais fortes do que eles, que possam restringir os seus impulsos para sobreviver, precisam de alguém que possa representá-lo.

Percebe-se também o reconhecimento pelos professores, da influência que os grupos de referência exercem no processo do adolescer, entre eles, os amigos de sala de aula, a família e a sociedade. Esses caminham juntos aos processos biológicos, podendo influenciar de forma positiva ou negativa na formação da nova identidade do adolescente.

“Uma pessoa que ela tenha uma referência, o mesmo papel do pai ou da mãe, uma outra pessoa, um tio, um avô, uma figura que realmente seja forte ou até mesmo instituições, que são referências, que também podem fazer uma base como família, outras instituições, como igreja...”

Nesse período evolutivo, a importância das figuras parentais reais é imprescindível. O pai possui a função de que a sua palavra significa lei, ou seja, capacitar o indivíduo a ter domínio da realidade, não praticar incesto, não matar, não roubar e aceitar que não pode fazer tudo que deseja sem consequência. A mãe possui a função de mediadora, de proteção mediante as orientações e aconselhamentos. Quanto mais a sociedade se torna complexa, tanto mais numerosas serão as situações em que outros poderão assumir a função educadora na vida dos adolescentes (LEVISKI, 1998). Na falta de amparo familiar ou na ausência de apoio, um familiar mais próximo, os professores, pessoas das instituições para menores infratores entre outros, podem exercer a função educadora para os adolescentes.

Os jovens, na sua busca por figuras de identificação, voltam-se para pais substitutos. Surge então, como figura a ser adicionada no processo identificatório desses adolescentes “o resgate de autoridade simbólica estruturante”: o professor. Além de ter satisfação em repassar seus conhecimentos, representa o “conteúdo simbólico, o tesouro ético que nossos jovens necessitam incorporar” a este significante dado ao professor como “patrimônio da humanidade”, elemento estimulador recíproco desse vínculo afetivo fundamental entre alunos e mestres (LEVISKI, 1998 p.39).

O professor pode valer-se da comunicação terapêutica para todas as suas ações, em todas as circunstâncias de vida, pois por meio dela será ampliada a possibilidade de os seus alunos compartilharem suas vivências. Nessa ação de compartilhar experiência, a pessoa recebe aprovação ou desaprovação, o que determina sua sensação de segurança e satisfação, conseqüentemente uma adaptação ao ambiente que o rodeia. Esses aspectos são importantíssimos para o desenvolvimento da pessoa, pois percebemos com facilidade que o bem-estar do homem está sujeito à comunicação que ele estabelece tanto na sua vida pessoal como na profissional, pois é impossível dissociá-las (STEFANELLI, 1993; 2005a,b,c).

Foi possível identificar nas falas dos professores a pluralidade no processo de adolecer, com ênfase na singularidade da adolescência. A adolescência se constitui como um fenômeno singular, apresenta variações de acordo com a cultura, a classe social, a raça, o gênero e a idade, configurando distintas formas de se vivenciá-la. Assim, não se pode afirmar que todo adolescente é igual, com certeza, as características e as trajetórias desenvolvimentais são parecidas e intensas, mas o modo de vivenciar e

quando serão vivenciados é próprio de cada um. Essa compreensão requer que os adultos percebam cada adolescente como um ser singular, com sua história única e que não seja tratado de modo massificado, homogeneizado.

“Tem adolescente e adolescente. Tem aquele que é agressivo, tem aquele que se fecha, ou aquele que é de forma alegre e que quer conquistar todo mundo...”

“Alguns diferem na idade de início e final da adolescência... tem aqueles que iniciam antes e acabam bem depois... tardam para amadurecer”.

Enquanto utiliza-se a puberdade como parâmetro universal, que se reproduz semelhantemente para todos os indivíduos, a adolescência é única e singular para cada ser. O jovem sofre influências socioculturais, o que faz a adolescência ser experimentada de maneira diferente até por indivíduos da mesma família. É de suma importância levar em consideração que não há uma adolescência, contudo adolescências, em função do momento, do contexto político e social em que se insere o adolescente. O tempo é marcado de forma desigual nos diferentes tipos de sociedades e, em decorrência dessa disparidade, a infância e a adolescência passam a ser pensadas e sentidas de maneira distinta (SAITO, 2000).

5.3.3 Concepções e composição familiar: do passado à atualidade

A família é constituída por um grupo de pessoas que vivem juntas ou em contato íntimo, unidas por laços consangüíneos, de afetividade e de convivência em um espaço de tempo dentro do qual as fases de crescimento e desenvolvimento do ser humano acontecem. É nela que aprendemos a perceber e a conviver com o mundo que nos cerca, sendo considerada como o primeiro agente socializador do indivíduo (SERAPIONI, 2005). Os relatos a seguir retratam o significado de família e sua composição para os participantes. Ao externarem o que é família não se detiveram somente nos aspectos de relação de parentesco e genético, de pessoas que se vinculam pelo casamento e/ ou por outros tipos de união, que geram os filhos, existindo uma extensão das relações entre pais e filhos para avós, pais e netos. Dessa forma, extrapolaram esse conceito, fazendo menção das relações estabelecidas entre seus membros como a proximidade,

afastamento e vínculo afetivo, sentimentos, projetos de vida em comum, ou local de residência.

“São pessoas que têm a mesma genética, participam do mesmo grupo, têm afinidades, envolve amor, objetivos...”

“São pessoas do grupo que possuem um laço afetivo, trocam carinho, proteção...”

Família pode ser entendida como um grupo de pessoas, ligados por descendência diretamente biológica ou situacional como, por exemplo, pela adoção, tutela convivendo em uma estrutura hierarquizada de ligação afetiva, duradoura, com uma relação de cuidado entre os adultos e deles com as crianças e idosos que fazem parte e / ou surgem no contexto (SZYMANSKI, 2000). A família representa um sistema dinâmico e historicamente, seu conceito e organização, vem passando por várias transformações. Primeiramente era concebida como fenômeno biológico de conservação e reprodução; com o decorrer dos tempos, transformou-se em fenômeno social, tendo sua base conjugal regulamentada por leis contratuais, normas religiosas e morais, que ditam regras para as relações sexuais e a procriação de filhos (MUNHOZ, CENTA e LENARDT, 2004).

A família compreende todo o sistema emocional, vínculos formados pelas relações afetivas e de proximidade como fonte de segurança, sendo responsável pelo apoio emocional dos seus membros e a demonstração de admiração e respeito. Ela se constitui um todo orgânico, pois seus componentes interagem, articulam-se, movimentam-se e se transformam conforme as circunstâncias vivenciadas, fazendo com que haja uma adaptação às novas exigências requisitadas pela sua maneira de viver (MUNHOZ, CENTA e LENARDT, 2004).

O parentesco é uma estrutura formal decorrente da combinação de três tipos de relações básicas: a relação de consangüinidade entre irmãos, a relação de descendência entre pais e filhos e a relação de afinidade que se dá pelo casamento. Essa estrutura é universal e qualquer sociedade humana se forma por essas combinações (SARTI, 2000).

Com o decorrer do tempo, a família vivencia uma trajetória de vida construindo a sua história permeada por sucessivas fases de desenvolvimento, previsíveis e importantes, que marcam o viver em família. Em cada estágio, ela define e redefine a sua organização, seu modo de viver e as etapas do ciclo vital que vivencia: o

matrimônio, o nascimento dos filhos, o ingresso deles na escola, a adolescência, a saída dos jovens de casa ou seu casamento, a aposentadoria, a velhice e a morte (MUNHOZ, CENTA e LENARDT, 2004).

Nessa perspectiva, devemos recordar que a adolescência é um processo circular que vai além do próprio adolescente, estendendo-se para o seu contexto sócio-familiar. Consiste em um processo de intensas transformações, tanto internas como externas, que envolvem não apenas o adolescente, mas o contexto em que se situa e, em especial, ao que está vinculado afetivamente, como a seus pais. Essas mudanças são tão profundas que, se a relação conjugal não estiver bem estruturada, acabará por romper-se durante a adolescência dos filhos (LEVISKI, 1998).

Historicamente, a estrutura familiar vem sofrendo uma redução no número de componentes, associada ao controle de natalidade, desse modo é compreendida como nuclear ou elementar (pai, mãe e filhos), pois nela se originam as relações primárias de parentesco. É considerada como o fundamento básico e universal das sociedades, e assim um grupo social, caracterizado pela residência comum, com cooperação econômica e reprodutiva (MUNHOZ, CENTA e LENARDT, 2004).

Na sociedade moderna, com as recentes mudanças nos modelos familiares, há uma tendência de reduzir-se mais à família nuclear, mantendo-se um número limitado de funções, das quais pode-se destacar: estabilizar o equilíbrio da personalidade adulta e socializar os novos nascidos. Porém pode-se observar que a família não é uma entidade fixa, mas uma pluralidade de formas (SERAPIONI, 2005). Nesse sentido, os participantes percebem que a família está mudando e que não existe mais um único modelo; explicitam que, na escola, cada estudante possui um tipo diferente de composição familiar. Chamou-me a atenção a referência, quanto ao núcleo familiar que os participantes expressaram, com a conotação de núcleo de convivência, contrariando o conceito de família nuclear que se refere à composição básica, por pessoas ligadas por laços consangüíneos e pelo matrimônio.

“A família da minha casa é o núcleo da família e o restante são família, mas não fazem parte do núcleo, pai, mãe e filhos”.

“Se a gente for pensar existem tipos de família, formas de família, cada uma com uma composição diferente”.

“Falando aqui da nossa realidade, da escola, dos alunos (...) os alunos que são criados por pai e mãe têm um grupo familiar definido, e irmãos; tem aquele outro grupo que, ou só a mãe que cuida, ou só o pai, uma grande leva de filhos separados, com famílias separadas, aqueles que já nem têm pai, nem mãe, que são criados por uma avó ou tia, ou mesmo um outro parente. Então, eu acho que família é aquele núcleo mesmo, de convivência maior, de criação mesmo”.

“O que se encontra hoje, é raro uma família onde tenha mãe, figura materna, figura paterna e os irmãos, ou então é filho único, a figura do pai e da mãe. Esse padrão familiar é muito raro hoje. Existe uma grande diversidade, essa família, quem cria essa criança, quem educa essa criança, em termos de família...”.

O conceito de família atualmente vem se modificando rapidamente. Na atualidade, os jovens casam com o pensamento de que, se não der certo, separam-se, e o problema está resolvido. Isso denota uma menor tolerância em suportar frustrações do que antigamente. O nível de exigência é cada vez maior, gerando uma dificuldade para relacionamentos. A vida em conjunto torna-se mais difícil, a ponto de os jovens relutarem em ter uma relação mais estável ou pensar no casamento, abalando-se o conceito de continuidade familiar (LEVISKI, 1998).

Fora do contexto familiar constituído por pai, mãe e filhos, as famílias são muitas vezes consideradas incompletas e desestruturadas. E essas outras formas de famílias são as mais responsabilizadas pelos problemas emocionais, desvios comportamentais e fracasso escolar (SZYMANSKI, 2000).

O modelo idealizado de família, definido como núcleo familiar normal ou família tradicional, é composto por um casal heterossexual casado e uma divisão clara de papéis. Nesse modelo, geralmente o homem se envolvia com o trabalho remunerado, enquanto a mulher dedicava-se aos afazeres da vida familiar, incluindo a administração da casa e os cuidados e criação dos filhos, formado por um único domicílio monofamiliar (SERAPIONI, 2005; CARVALHO e ALMEIDA, 2003). Os indivíduos constituíam subsistemas, muitas vezes formados pela geração, sexo, interesse e ou função; havia diferentes níveis de poder e o comportamento de um elemento afetava e influenciava os outros componentes. Segundo Minuchin (1990), esse modelo passa a não ser mais comum em nossa realidade. Isso é explicitado nos relatos dos professores.

“Pai, mãe, filhos, sendo que a mãe era subordinada, submissa, os papéis eram diferentes, os papéis da família, os papéis de cada membro da família...”

“Eu acho que a estrutura familiar tradicional estava acostumada a ter, uns anos atrás, pai, mãe e filho, ela existe, mas acho que a estrutura familiar hoje é muito diversa...”

“A família é a que a criança está inserida (...), não necessariamente existe hoje uma estrutura diferente de tempo atrás. A família ainda é a base para a educação, valores, e a gente vê o quanto isso é fundamental e relevante...”

Se a estrutura familiar se modifica com a industrialização e a urbanização, essa transformação ganha significados particulares, porque se faz com a preservação de valores e tradições específicas. É bom lembrar que a variação nas estruturas familiares, no sentido de uma maior diversidade de tipos ou modelos não é em absoluto um processo novo. No passado, os motivos podem não ter sido os mesmos como: o aumento do número de separações, de casamentos tardios e de nascimentos oriundos de relações extraconjugais ou da magnitude de mulheres trabalhando fora de casa, estes já se observavam em outras ocasiões nas sociedades ocidentais. Todavia, as mudanças e os fenômenos citados têm fortes e claros impactos sobre a disposição e as condições de vida das famílias brasileiras e interferem de forma negativa na sua capacidade de prover as necessidades básicas de seus componentes e proporcionar-lhes afetiva proteção social (CARVALHO e ALMEIDA, 2003).

O exposto anteriormente ocorre devido ao ser humano possuir necessidade intrínseca de se sentir incluído em um grupo, e o instrumento natural para que isso aconteça é a família, que exerce seu papel de garantir essa necessidade, ao mesmo tempo em que promove a individualização da pessoa. É o primeiro sistema social a que o ser humano pertence, desde o seu nascimento e onde cada um de seus membros vivencia uma série de papéis de acordo com a idade, sexo e inter-relações, vivendo uma interdependência, de maneira que cada papel vivenciado modifique e retro alimente o sistema. A formação dos papéis masculinos e femininos ocorre de acordo com a educação recebida em casa, na escola e pelos meios de comunicação, em que a herança cultural, os mitos e crenças são fatores que contribuem para sua formação dentro de cada contexto social (MUNHOZ, CENTA e LENARDT, 2004).

Atualmente, a formação dos papéis, ainda está baseada em uma sociedade patriarcal, pois se observa que, para as meninas, são reservadas brincadeiras com bonecas, fogões, panelinhas, contos de fada e príncipes encantados; já os meninos são estimulados a brincar de futebol, pescaria, brinquedos eletrônicos e jogos que despertam o raciocínio. Isso faz parte do processo de socialização das crenças, já que o papel do homem-pai é de provedor, trabalhador, disciplinador, racional, dono do poder e

independente; e a mulher é tida como frágil, emotiva, sensível e dependente (SZYMANSKI, 2000). Na adolescência, a sexualidade adquire dimensão especial através do aparecimento da capacidade reprodutiva e formação de papéis masculinos e femininos. Existe uma diferença na abordagem entre meninos e meninas. A menina deve se guardar pura para o futuro marido, entregar-se ao homem para satisfazer seu desejo como prova de amor. O menino é iniciado sexualmente precocemente para demonstrar que está sempre querendo e pronto para o sexo, não podendo recusar, pois isso demonstra sua virilidade.

É preciso destacar que as novas disposições familiares necessitam de um espaço para renegociar os papéis e a separação das tarefas, assim como a organização das finanças; e o convívio familiar, então, é o espaço para a família rever os seus conceitos e estabelecer novos padrões, principalmente, quando existe alteração nas atribuições esperadas e delegadas pela sociedade para homens e mulheres (LEVISKI, 1998; SZYMANSKI, 2000).

Diante dessas transformações da sociedade e, conseqüentemente, dos papéis dos membros da família, segundo os participantes desta pesquisa, os adolescentes passam a ter funções que antigamente eram delegadas às mulheres. Eles dividem as tarefas ligadas ao cotidiano doméstico, de forma integral e sem supervisão de um adulto; ficam sozinhos por grandes períodos, porque os seus responsáveis estão desenvolvendo atividades fora do lar. Algumas famílias, ainda, para amenizar essas situações, dependem de outras pessoas como os avós, tios, primos mais velhos para ajudar no cuidado dos filhos, e quando não, dependem da empregada doméstica que na atualidade, passa a ser um membro importante para a família.

“A maioria tem responsabilidades, de arrumar a casa, de fazer o almoço, cuidar de um irmão menor...”

“Algumas crianças ficam se cuidando sozinhas, ficam sozinhas em casa, se viram sozinhas, o pai e a mãe trabalhando o dia todo...”

“...tem muitos avós, aqui mesmo, têm muitas crianças que a mãe vai para a rua e é a avó que cuida, muitos deles são criados pelos avós, são sustentados...”

Nos dias de hoje, há um reconhecimento geral de que a família está no centro das funções de cuidado. O cotidiano doméstico é caracterizado pelo atendimento às

necessidades físicas e psicológicas dos diversos membros da família, e cada membro possui uma função para que todas as necessidades sejam satisfeitas.

A modificação na relação familiar, principalmente, em consequência da inserção da mulher no mercado de trabalho, tem permitido transformações na função dos papéis parentais. A figura paterna ocupa cada vez mais seu espaço nos afazeres domésticos, envolvendo-se e exercendo o papel de cuidador dos filhos (SARTI, 2000).

As variadas mudanças mencionadas colaboram para que diminua o investimento nos vínculos das figuras parentais e, a conseqüente perda da autoridade outorga aos filhos a necessidade de tomarem posicionamento e atitudes que ainda não estariam prontos a exercer, podendo provocar assim, uma violência familiar. Os pais estão fragilizados ante as mudanças mundiais e os filhos não se encontram habilitados ainda para assumir tanta responsabilidade (LEVISKI, 1998).

Algo que não pode ser esquecido é que existe uma rede de parentesco, não pertencente ao núcleo familiar, que também fornece ajuda e suporte em caso de necessidade. Os avós e outros parentes, como demonstram muitas pesquisas, permanecem realizando e recebendo cuidados dentro da família (SERAPIONI, 2005). Ocorreram, entretanto, mudanças sociais, modificando a ordem familiar tradicional, principalmente no que se refere à autoridade patriarcal e à divisão de papéis familiares, que alteraram, de forma significativa, as relações entre o homem e a mulher e entre os pais e filhos dentro das famílias. Os papéis sexuais e as obrigações não estão mais pré-estabelecidas. Assim, a separação sexual das funções, o exercício da autoridade e todas as questões dos direitos e deveres na família, antes pré-estabelecidas, hoje, são objetos de constantes negociações, sendo passíveis de serem revistas (SARTI, 2000).

Os participantes deste estudo externaram grande preocupação com relação à autoridade que os pais deveriam exercer sobre os filhos, reflete diretamente na relação dos professores com seus alunos. Para eles, a família encontra-se desestruturada e não exerce mais suas funções; os pais não estão preparados ou não dispõem de tempo e condições necessárias para assumirem a educação e orientação de seus filhos, refletindo assim, no comportamento abusivo que muitas vezes, eles apresentam na escola. Os participantes, professores inseridos neste contexto, não responsabilizam somente o adolescente por não aceitar a autoridade dos pais. Contudo, acreditam que é a família que não consegue mais transmitir os modos e valores, o que reflete no seu comportamento em sala de aula, que em meio a todas estas transformações, está enfraquecida diante de seus alunos.

“Eles vão tomar conta de nós, como os filhos tomaram conta dos pais...”

“O pai não falava nada, a família sem atitudes, sem ação. O pai não impõe mais, perdeu a autoridade e a escola infelizmente é quem toma conta...”

“O professor é autoridade máxima em sala de aula, se o professor disser para o aluno, sente aqui, o professor deu uma ordem, ele é autoridade máxima, o aluno não sentou, o professor se ele quisesse denunciar, ele pode ir ao artigo 330, que diz respeito à autoridade”.

Não se pode afirmar que esse estado de confusão de papéis esteja acontecendo exclusivamente com os adolescentes, porém é possível observar entre os adultos. Pais e professores queixam-se frequentemente que não estão conseguindo impor limites em casa e na escola. A autoridade, quando bem aplicada, é importante para estabelecer referenciais e limites claros aos sujeitos (LEVISKI, 1998).

No processo de contestação do padrão tradicional de autoridade familiar, dos pais sobre os filhos e do homem sobre a mulher - que aconteceu com o passar das gerações - houve uma confusão entre os excessos da autoridade do tipo tradicional e o exercício legítimo e necessário da autoridade na família. Isso acarretou uma permissividade que prejudica especialmente as crianças, que ficaram sem limites estabelecidos (SARTI, 2000). Percebe-se que além da autoridade, a questão de hierarquia e do respeito ao próximo, também está comprometida nos dias de hoje. A falta da entrada da autoridade paterna no lar é um fator crucial que pode impulsionar o jovem a cometer um ato ilícito (LEVISKI, 1998).

O limite é necessário para que a pessoa conheça os parâmetros dentro dos quais ela é livre para agir, ou seja, reconhecer onde termina a sua liberdade e começa a da outra pessoa (STEFANELLI, 1981 e 2005b).

5.3.4 Família: papel e funções

Os professores reconhecem que a família possui um papel a desempenhar e funções a serem exercidas, não somente durante o processo do adolescer, mas em todas as etapas da vida de seus membros. Deve fornecer, ainda, meios para que consigam viver em equilíbrio, e com formas de vida mais saudáveis. Nas falas dos participantes percebem-se as funções que eles acreditam ser da família.

“A família existe para educar, criar, prover, sustentar, dar apoio, procriar, encaminhar...”.

“Família para mim é a base do indivíduo, onde é passada para ele toda educação básica, cultura, valores, conceitos, é o porto seguro da pessoa. Se ela não tiver uma família bem estruturada, eu acho que ela não vai conseguir, ela vai ter muita dificuldade, não vai ter onde se apoiar...”.

A família tem um papel fundamental, não apenas para a sobrevivência dos seus membros, mas também para realizar a socialização de seus componentes através da proteção, transmissão cultural, transmissão das propriedades que possui e do capital econômico, assim como das relações de gênero e de solidariedade entre as gerações. Atuando como uma instância mediadora entre seus membros e a sociedade, a família se constitui em um espaço de produção e transmissão de práticas culturais, uma organização que zela pela existência cotidiana de seus componentes, produzindo, organizando e repartindo recursos para o provimento das suas necessidades básicas (CARVALHO e ALMEIDA, 2003).

A grande expectativa é de que a família forneça cuidados, proteção, aprendizado dos afetos, construção de identidade e vínculos relacionais de pertencimento, que sejam capazes de melhorar a qualidade de vida de seus membros e ampla inclusão na comunidade e sociedade em que vivem. Contudo, essas expectativas são possibilidades e não se constituem garantias, pois a família convive em um determinado contexto que pode ajudar a construir ou destruir suas possibilidades e potencialidades (CARVALHO, 2000).

Famílias que possuem membros adolescentes devem tentar equilibrar liberdade com responsabilidade, desenvolvendo conceitos como democracia, liberdade, ética e moral, à medida que esses jovens adquirirem sua individualidade. É importante criar uma relação que resulte em um aumento da autonomia, fornecendo sempre, informações aos adolescentes sobre drogas, sexo e os tipos das diversas relações interpessoais que esse jovem vai ter ao longo da vida. Isso contribui para a edificação dinâmica e progressiva do mundo interno do adolescente (LEVISKI, 1998).

Sem desconsiderar a inegável influência das inter-relações pessoais na infância e na adolescência, a família deve ser entendida como ancoragem principal na socialização de seus membros, principalmente em se tratando de crianças e adolescentes, e na

garantia de vínculos relacionais que previnam os riscos de isolamento social na sociedade organizada e televisiva (CARVALHO, 2000).

Desde os estudos de Freud, a relação entre a mãe e o filho, na família, surge como referencial explicativo para o desenvolvimento emocional da criança. Ao descobrir que os primeiros anos de vida são essenciais para o desenvolvimento emocional das pessoas, a família passou a ser vista como produtora em potencial de pessoas saudáveis, emocionalmente estáveis, felizes e equilibradas, ou como o núcleo causador de inseguranças, desequilíbrios e outros desvios comportamentais (SZYMANSKI, 2000).

Observei nas falas dos participantes, que possuem filhos adolescentes, a percepção da necessidade de interação, manutenção de uma relação afetiva e contato físico com seus pais, contrariando o senso comum que afirma que o adolescente não quer este tipo de contato e que está alheio aos conselhos das pessoas mais velhas. Fica explícito nas falas dos professores que os adolescentes solicitam o diálogo, carinho e atenção.

“Meu filho disse: mãe, você vai assistir à novela? Eu perguntei por quê. Porque se você não for assistir nós poderíamos conversar, ele respondeu....”

“...deite aqui mãe que eu quero encostar em você. Eles querem ficar juntos...”

Observa-se que, muitas vezes, os pais até se reúnem com seus filhos, porém a atenção não está voltada a eles, nem aos seus problemas transicionais. Geralmente se reúnem para assistir à televisão, entretanto, não raro, a interação entre as pessoas nem ocorre. Os pais têm sua atenção voltada à programação, nem ao menos conversam com os filhos e que estes não ousem a perturbar o clima da novela ou do filme em questão (LEVISKI, 1998).

O diálogo deve ser exercitado desde o nascimento da criança, não se pode querer iniciá-lo na adolescência, pois o adolescente não se aproximará dos adultos. Muitas vezes, os pais não se dão conta de que escutar é o melhor caminho para compreender o que está ocorrendo com os filhos, pois com essa simples atitude, agem como detonadores de busca ativa e cooperativa da solução dos problemas dos componentes da família. Ao reelaborar e avaliar suas histórias de vida, motiva-os a centrarem-se com

maior autonomia na alteração da sua vida (ABERASTURY, 1981; CARVALHO, 2000).

Embora não fora finalidade deste estudo, discutir com os participantes a respeito da relação que estabelecem com seus filhos, na discussão de grupo que abordou família, discorreram a respeito de situações que eles vivenciam no dia-a-dia como pais. É possível perceber que eles consideram importante manter relações interpessoais satisfatórias e saudáveis, com os membros da sua família. Externam também como a manutenção desta relação afetiva muitas vezes é difícil, devido à sobrecarga de trabalho, ao ritmo imposto pela sociedade. Fazem menção que eles, embora teoricamente melhores preparados, por possuírem um nível de escolaridade privilegiado, ainda sentem dificuldade em desempenhar essa tarefa. Preocupam-se com a qualidade das relações que os seus alunos estabelecem com suas famílias que muitas vezes não têm uma formação igual à deles, pois relações que são estabelecidas dentro do âmbito familiar podem afetar de forma negativa ou positiva o rendimento do adolescente na escola.

“Se nós somos assim, imaginem essas famílias que não possuem nenhuma estrutura, que não têm um preparo melhor...”

“A educação geral da pessoa, como se portar, como ser pessoa humana inicia-se na família e se complementa na escola, pois ela oferece essa possibilidade. Se a educação falha na família, isto se repercute na escola”

“Eu converso muito com os meus alunos e, você nota que quando os alunos são meio, assim, meio desorientados, você pode saber que ele tem problema certo, ele não tem uma boa estrutura na sua casa”

“Os nossos alunos têm muito problema com convivência na sua casa, e também entre eles mesmos, e até com os professores...”

“...eles não tiveram referencial e cuidado com eles mesmos muitas vezes, então, ele não sabe nem se portar como indivíduo...”

Verifica-se que, na adolescência as mudanças ocorrem, não somente em um nível intrapsíquico, mas também relacional. Dessa forma, a demanda do adolescente por maior independência e participação nas decisões da família exige uma reorganização das relações familiares. Essa atitude será favorecedora de confiança, aceitação e afeto entre pais e filhos, quando associados a uma comunicação clara e direta (WAGNER et al, 2002).

As relações interpessoais de uma família com filhos adolescentes podem-se caracterizar por um acréscimo nos confrontos entre pais e filhos. Este fenômeno acontece devido ao aumento dos questionamentos do filho adolescente com relação às regras, valores e crenças familiares (ABERASTURY, 1981). Em virtude dessas novas demandas que ocorrem no relacionamento familiar na fase do adolescente, faz-se necessário um aumento na flexibilidade das fronteiras e equilíbrio na autoridade dos pais, com o objetivo de manter a harmonia familiar. Famílias com fronteiras mais flexíveis permitem que o adolescente transite livremente em diferentes cenários, aproximando-se quando se sente inseguro e afastando-se para experienciar sua independência (WAGNER *et al.*, 2002).

Nos adolescentes, para os quais não existe nenhuma estrutura familiar, ou a ausência de um continente familiar adequado, de um espaço e de um limite, que criem as condições propícias para o desenvolvimento e para a estruturação da personalidade, poderá determinar uma atividade impulsiva, em que o indivíduo não tem o domínio da sua própria individualidade, pouca tolerância à frustração e uma tendência ao isolamento. Sendo que os grupos de adolescentes, como as gangues ou as turmas, buscarão prover esta falta (LEVISKI, 1998; SARTI, 2000).

A partir das primeiras relações da criança com os seus pais, aparecem os modelos de identificação. Desse modo, a família também é inspiração para os jovens na formação da sua identidade adulta, assumindo o papel de protagonista e uma das grandes responsáveis pela formação da identidade do ser humano. Isto para os participantes é de vital importância como sugere os relatos a seguir:

“...ele tem que ter um referencial, num momento desse sujeito, dessa pessoa, ele sempre tem que ter um referencial, então querendo ou não, da forma que for, é a família que está passando valores, conceitos, a cultura, enfim tudo isso se dá através dessa ligação com a família...”

“Não tem aquele referencial de mãe o dia todo, corrigindo...”

“...tem um caso aqui que a mãe é prostituta e daí a menina, quer dizer, as pessoas olham assim, de jeito diferente...”

“... a família, acho que é o teu espelho, é tudo, é a tua formação, é através da família que você forma, se você tem uma boa formação é a família que dá.”

O homem, ao longo da sua existência, carrega consigo várias famílias: a de sua infância, a da adolescência, a do matrimônio e a de seus descendentes. Todos levam

ancestrais em sua genealogia e pertencem a uma rede evolutiva. Assim, ao resgatar o passado e identificar-se com o presente, introjeta-se o sentimento de pertencer, de possuir uma família, que não se está só no mundo, é ter uma identidade (LEVISKI, 1998).

A família oferece à pessoa elementos para a sua sobrevivência como, educação, cultura e tradição sendo transformada de uma unidade que protege crianças, em um centro de preparo para a entrada do adolescente no mundo de responsabilidades adultas.

5.3.4.1 A família como provedora financeira e de cuidados

O homem é um dos seres que mais necessita de cuidados de outrem, em seus primeiros anos de vida, independente do vínculo (de consangüinidade, de filantropia etc). Na atual sociedade, os cuidados imprescindíveis à sobrevivência vão além da higiene, nutrição e relacionamento afetivo, sendo que a família precisa prover no sentido econômico as necessidades de seus membros. Em um conceito tradicional, a manutenção do grupo familiar é realizada pelo pai, provedor financeiro, e a mãe, provedora dos cuidados domésticos (BOARINI, 2003). Os participantes nomeiam esta função da família nos seus relatos, contudo, devido às diversas formas e estruturas familiares não identificam somente o pai como responsável pela provisão financeira.

“Um individuo, indiferente se for homem ou mulher, no caso a mulher, como sendo o centro, o espelho realmente dos demais, aquele que provê tudo que a família precisa, indiferente se é homem ou mulher...”

“A maioria, o pai e a mãe trabalham, depois é só a mãe que trabalha e traz o sustento; e por último tem famílias que só o pai que sustenta...”

A partir da revolução industrial, todos os componentes da família deveriam trabalhar para garantir o sustento, sujeitando-se a extensos horários de trabalho. Em nossa atualidade, a mulher tem se introduzido no mercado de trabalho pela necessidade de auxiliar no orçamento da família, sendo que em muitos casos é a única provedora. Essa situação acaba por promover o afastamento precoce dos filhos do convívio familiar, terceirizando assim, cada vez mais o processo de socialização da criança, através das creches, escolas, natação, inglês, informática, entre outros (BOARINI, 2003).

E nesse contexto, é necessário lembrar que, de acordo com os aspectos socioeconômicos em que o indivíduo está inserido, variam-se também as características do processo do adolecer, em uma mesma sociedade (LEVISKY, 1998). Os adolescentes fazem parte de um dos grupos mais sensíveis e afetados por grande número dos graves problemas mundiais da atualidade: fome, miséria, desnutrição, analfabetismo, violência, abandono, prostituição e desintegração familiar, situações indesejadas, inoportunas e de difícil solução (AVANCI, 2004).

Percebe-se que os professores associam diretamente a educação e a formação dos membros da família ao fracasso e ao sucesso, de acordo com o tipo de cuidado e formação que o indivíduo recebeu em seu núcleo. Assim, o resultado advém de relações estabelecidas dentro de uma família, que realmente exerce suas devidas funções, ou não, é evidente nas falas dos participantes.

O que tem que ser levado em conta é a qualidade do vínculo estabelecido com a criança, tendo sido ele criado pelos pais verdadeiros, substitutos ou pelas instituições. A criança de hoje espelhará o adulto do amanhã e uma estrutura emocional bem constituída poderá ajudar a criança a lidar melhor com as angústias e dificuldades da vida (LEVISKI, 1998).

“Se ele não tiver uma boa formação, o que é certo para ele em termos de valores, facilmente ele perece (...) por isso que a família é importante, para os valores e personalidade, o que é certo, o que é errado...”

“...com certeza, depende da educação, faz tudo parte da educação, se você educou para ele cuidar do meio ambiente, se você educou para ele não quebrar, não pichar, ele vai cuidar. Independente se estiver num ônibus, ou que esteja na rua, se relacionar socialmente, interagir com outros...”

“...o adolescente já sabe o que é certo e o que é errado, tem a escolha dele, o que tem que ver hoje é que muitos estão escolhendo o lado que não é legal, não vai ter nada de bom para eles. Isso porque na família essa formação não foi adequada, se ele tivesse tido uma boa formação, com certeza ele ia saber, saberia fazer escolhas diferentes, faria escolhas boas.”

É por isso, que ainda se considera de suma importância o papel desempenhado pela família na sociedade moderna e contemporânea (SERAPIONI, 2005). Ressalta-se que, um meio social e uma família com estruturas estáveis proporcionam melhores condições para suportar e conviver com os conflitos existenciais (LEVISKI, 1998). Assim sendo, todos reconhecem que a família fornece uma fundamental contribuição

para o bem-estar da população e recomenda-se que as políticas sociais estabelecidas, os governos e as organizações não governamentais apoiem as famílias no desenvolvimento dessa importante tarefa (SZYMANSKI, 2000).

Os participantes mencionaram também que o consumismo da atualidade influencia o desempenho da família no exercício de seus papéis com os filhos. Ressaltam que, nas famílias que não conseguem exercer suas funções, não há muito diálogo e atenção entre seus membros. Essa situação ocorre em grande parte, por causa do ritmo de vida exigido pela sociedade atual. É nesse contexto que o consumismo adentra o cenário familiar e isso está explícito nas falas dos professores:

“...a própria falta de convivência entre pai e filho, não existe diálogo. É um tempo em que você trabalha, trabalha, trabalha para sobreviver, para dar um mínimo de condição de vida, casa, uma alimentação, uma roupa, uma escola, só que daí, os pais ficam só nisso e esquecem que a criança precisa de amor, afeto, de ficar junto, de conversar. (...) eu vejo que as famílias que ainda conseguem fazer isso são mais estruturadas.

“O que as crianças estão lutando é por isso, o afeto, porque não adianta você batalhar e querer coisas. Eu vejo assim, as famílias querem uma coisa mais simples, uma vida mais simples, a própria sociedade de consumo, ela põe coisas, imagens para a criança, quero, quero, quero, quero, é a sociedade do querer e o pai batalha, trabalha, trabalha, trabalha para conseguir aquilo, mas o mais importante que é do ser humano, para o indivíduo, que é ficar junto, sentar, brincar, fazer qualquer coisa com eles, fazer uma pipa. Quando que um pai tem tempo para fazer uma pipa hoje? Quando que uma mãe tem tempo de fazer qualquer coisa com a filha?”

“...e o papo que a gente escuta mas eu dou tudo para ele, se ele quer um tênis, eu dou um tênis para ele. Se ele quer uma blusa, eu dou blusas, ele tem uma blusa boa, mas isso não é o importante para ele. Por mais que ele queira, as pessoas se perdem nesse consumismo, esquecem que tem de sentar com ele ver o que se passa com ele, o que está acontecendo, as dificuldades que ele tem enfrentado, isso o pai não sabe...”

A sociedade contemporânea tem vivido uma intensa contradição entre maior liberdade e individualidade *versus* intensa pressão e influência imposta pelos meios de comunicação social e pelas tendências consumistas. A globalização da sociedade, sustentada no consumo e no capital, traz algumas reflexões e questionamentos sobre a destruição de valores culturais regionais e peculiares de cada povo ou nação (LEVISKI, 1998).

Observei que nos relatos, os participantes sentem que os pais têm transferido à escola e até mesmo ao conselho tutelar várias das funções que deveriam exercer, como por exemplo, a de prover sustento e alimentação, de socializar e de educar as crianças e os adolescentes. Para eles, a família perdeu a concepção de responsabilidade sobre seus filhos e tem conferido tal atribuição a várias instituições, dentre elas a escola. Essa situação ocorre por causa das diversas transformações ocorridas na sociedade, como a competitividade do mercado de trabalho e o ritmo de vida acelerado das grandes metrópoles, que exigem cada vez mais das famílias. Na concepção dos participantes, mesmo com esse ritmo de vida, a família deveria dar mais atenção aos seus filhos, cumprir sua função de educar e realizar um acompanhamento escolar.

“Quando eles têm notas vermelhas, por exemplo, uma vez uma mãe me questionou isso, como é que você não viu que ele estava com nota vermelha? Que ele não vai bem na sua matéria? Você tem obrigação de ver. (...) eles passam para a gente a obrigação, não vêem, não acompanham, eles não vêem mais nada...”

“Igual a uma outra situação, a menina fazia mais ou menos uma três semanas que não vinha à aula, e o pai descobriu por acaso. Mas meu telefone não tava na pasta? Ele perguntou. Eu disse que o número era errado. Ele ficou irritado e disse: a escola tem a obrigação de me avisar e não me avisou. Mas o senhor não olhou o caderno? Falei pra ele. Eu não tenho tempo pra isso, vocês que têm tempo para isso. Minha filha estava matando aula o tempo todo e vocês não perceberam...”

“...os próprios pais, acham, que a escola é responsável, antes não, ele é meu filho, eu sou responsável, agora eles falam assim, a escola é responsável, a sociedade é responsável...”

“A criança é educada pela instituição, que geralmente é a escola, ou a creche e ela só vê o pai e a mãe no fim do dia, quando o pai e a mãe têm ânimo ainda e disponibilidade”.

“Que a escola exerce um papel na família sem sombra dúvida, principalmente em comida, muitas delas vêm sem comer, doentes, carentes, querem conversar muito, dialogar...”

Em uma pesquisa realizada por Szymanski (2006), sobre a avaliação escolar com mães de alunos de uma escola estadual de São Paulo, observou-se que as mães acreditam que o professor é o grande responsável pelo rendimento dos alunos. Elas possuem a expectativa que os professores não gritem, não faltem, expliquem bem a matéria e que fiquem atentos aos alunos que não acompanham os demais. Esperam que

eles realizem reforço e verifiquem o desempenho dos alunos nessas atividades e, além disso, que possam sentar e conversar com os adolescentes. Essas mães ainda apontaram a necessidade de se considerar a etapa de desenvolvimento das crianças e adolescentes no planejamento das atividades escolares para que esses alunos que estão se descobrindo e agitados possam aprender e assumir responsabilidades. Consideram, ainda, natural e necessário o acompanhamento por parte dos professores e ressaltam a necessidade de disciplina e respeito mútuo entre professores e alunos, como condição efetiva de ensino.

Assim, a autora verificou que uma das condições que a escola impõe é o acompanhamento feito pelas famílias na educação dos filhos, sendo que direcionam o aprendizado nesse sentido. Contudo, as crianças que não dispõem desse atendimento ficam prejudicadas, pois elas chegam em casa sem o processo de aprendizagem completo, sendo que nem a escola e nem a família assumem isso. Na avaliação final, a criança ou o adolescente é julgado por incompetência. Primeiramente o aluno, e depois a família, já que ela tem responsabilidade pela criança. Entretanto, a autora observa que deixar a complementação do ensino para a família é eximir-se da responsabilidade pelo desenvolvimento sócio-educacional da criança e do adolescente.

Isso revela que a família atual encontra-se enfraquecida e não tem condições de supervisionar e elucidar tudo. Os pais têm dificuldade em ocuparem seus papéis, estabelecer limites e exercerem suas funções (LEVISKI, 1998). Muitas vezes, a maneira que os pais encontram para tentar resolver a situação, que deveria ser enfrentada por eles, é a delegação de sua função. Constatamos na fala dos professores participantes, que além de delegar essas funções à escola, alguns pais também optam por delegar a instituições que também estão próximas de sua realidade, como é o caso do conselho tutelar.

“...muitos pais hoje dizem que vão entregar seus filhos para o conselho tutelar, e dizem estou lavando as minhas mãos, não consigo educar, então eu passo para frente o problema entendeu, quando o problema é meu...”

O Conselho Tutelar é a organização e participação da sociedade civil, que foi criado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), com a finalidade de zelar pelo cumprimento dos direitos da infância e da adolescência no espaço social. É vinculado à Prefeitura, sua autoridade é a própria lei do ECA e seu papel é atender as pessoas que

tiveram seus direitos violados. Em pesquisa, realizada no período de agosto de 1998 a fevereiro de 1999, em um conselho tutelar do município de São Paulo, visando analisar vários aspectos relacionados à escola, aos conselheiros, à infância, família, classes populares, entre outros, verificou-se na fala dos conselheiros que ainda falta muita compreensão por parte dos professores sobre o dia-a-dia das crianças e adolescentes estudantes. A autora relata que os conselheiros entrevistados acreditam que os problemas emocionais dos alunos interferem de forma negativa em sua escolarização. E ainda disseram que, quando conversam com os pais para dizer-lhes que a criança está indo mal na escola, percebem que esses pais também têm problemas. Isto os leva a crer que as crianças vão mal na escola porque têm problemas em casa (SOUZA, TEIXEIRA e SILVA, 2003).

Observa-se através das falas que há uma ruptura muito grande do afeto no meio familiar, chegando à rejeição dos filhos, quando surgem os diversos problemas que uma grande parte das famílias brasileiras tem enfrentado, como situações econômico-financeiras, sociais, psicológicas, entre outras, que afetam também as crianças e os adolescentes no âmbito escolar.

“As mães falam, é meu filho, eu tenho que criar ele de alguma forma, tenho que dar um jeito de sustentar ele, mas não com aquela afetividade, porque ele é meu filho, é do meu sangue, eu não queria ter ele, ele é um filho que eu não quis, mas veio. Muita rejeição”.

O reconhecimento da necessidade de uma rede de apoio, com vistas a potencializar os recursos disponíveis, na qual a família, a escola e outras instituições se integrem, foi expresso pelos participantes.

“...se por um acidente, alguma coisa assim, se perde a figura do pai e da mãe, mas a criança sempre tem que ter um substituto para ele, uma pessoa que ela tenha uma referência, o mesmo papel do pai ou da mãe, uma outra pessoa, um tio, um avô, uma figura que realmente seja forte ou até mesmo instituições, que também podem fazer uma base como família...”

Assim, é possível verificar que a família, ou na sua falta, instituições que supram a necessidade dos indivíduos, de forma integrada e mais adequada possível, é fundamental e indispensável para as crianças, em especial, quando chega a fase transicional da adolescência. É necessário que as famílias recebam apoio para que consigam fornecer uma condição de cuidado estável para seus membros. Também é

preciso uma atenção especial às instituições, como a escola, para que essas possam auxiliar na complementação da socialização e no aprendizado dos adolescentes. Para tanto, é imprescindível que haja ações de conscientização, de todos que fazem parte do cenário escolar, para que estes desenvolvam uma comunicação eficiente e terapêutica e assumam a responsabilidade exigida de forma compartilhada.

5.3.5 A comunicação na relação interpessoal do professor e estudante adolescente

Ao discutirmos os conteúdos de comunicação humana e finalmente de comunicação terapêutica, observei que os participantes abordaram esses temas desde as primeiras Discussões de Grupo, embora não se ativessem para tal acontecimento, pois não era o foco dos primeiros encontros. Esses temas foram abordados nas duas últimas Discussões de Grupo. Na penúltima, foi abordado especificamente o tema comunicação humana contemplando conceito, tipos, funções/ importância e como se dá o seu uso no cotidiano da prática dos professores com os adolescentes. Embora os participantes não tivessem conhecimento dos conteúdos de comunicação terapêutica, apreendi categorias que emergiram das discussões relativas a esse assunto, bem como dos modos não terapêuticos, os quais apresento a seguir, enriquecidos de relatos advindos de todos os encontros.

Um aspecto que me chamou a atenção ocorreu na última Discussão de Grupo, que se destinou ao tema de comunicação terapêutica. Com o intuito de trazer ao conhecimento dos professores um referencial, que acredito poder ajudar na qualidade da comunicação entre as pessoas, conforme eu ia teorizando, discutindo com eles os conceitos teóricos e resgatando pontos relevantes das discussões anteriores, os participantes identificavam as atitudes de ajuda que eles mesmos, embora não soubessem, já faziam uso na sua prática. Da mesma maneira, aconteceu com os modos não terapêuticos de comunicação, que eles perceberam que acabam adotando na relação com os estudantes.

A comunicação é uma necessidade humana básica, algo tão inerente ao ser humano, que envolve de alguma forma, todos os campos de atividade humana

(CARVALHO e BACHION, 2005). Os participantes externaram que a comunicação está relacionada com a emissão de uma mensagem, com a produção de uma idéia ou de um conceito. Para que isso aconteça, utilizamos a linguagem e esta deve ser expressa com clareza e objetividade de tal modo que não produza uma mensagem cuja interpretação ocorra de forma inadequada. Os ruídos também foram colocados pelos participantes como algo que atrapalha a comunicação entre as pessoas.

“Acho que a comunicação é você expressar algo, dizer alguma coisa a alguém, é o ato de se comunicar...”

“Comunicação para mim é a produção de uma idéia, de um conceito, de valores, com linguagem em si mesmo, tem que ser bem natural, bem objetiva, para que não haja uma má interpretação em uma linguagem, na comunicação, qualquer ruído que tenha pode já dar um problema e acabar gerando outro...”

“Na comunicação sempre tem uma mensagem, tem que ter a mensagem.”

Para que haja comunicação é necessário haver uma mensagem, que é o conteúdo transmitido. Essas mensagens são enviadas por estímulos físicos, verbais ou não, produzidos pelo emissor, que devem possuir um significado também para o destinatário. Para se emitir uma mensagem por meio dos estímulos físicos, são necessários recursos que se denominam canais os quais utilizamos um ou mais, concomitantemente no ato comunicativo. Os canais de emissão e recepção das mensagens são nossos órgãos dos sentidos e os mais utilizados são a visão, audição e tato. Ainda que o olfato e paladar não sejam muito usados, também devem ser considerados (STEFANELLI, 1993 e 2005a).

Além da linguagem, os professores reconhecem outras formas de se estabelecer uma comunicação e destacam a escrita, a falada, a visual e ainda a não verbal que é expressa por gestos e expressões.

“...a comunicação se dá de várias formas, escrita, palavras, visual...”

“Pode ser escrita, pode ser visual e só em ouvir pode estar se comunicando, eu acho que todo mundo se comunica de alguma forma...”

O compartilhar idéias e pensamentos, ou seja, comunicar-se, pode acontecer por meio das formas verbal e não verbal. A comunicação verbal se dá por intermédio das

palavras expressas, falada e escrita. A linguagem é um instrumento que a pessoa usa para expressar a sua idéia, partilhar experiência e validar o significado da percepção sobre o assunto (STEFANELLI, 1993 e 2005a).

A comunicação não verbal engloba todas as manifestações de comportamento que revelam uma mensagem sem o uso das palavras. É possível se comunicar utilizando somente a forma não verbal sem utilização da verbal, mas o contrário é quase impraticável. A não verbal, porém, só pode ser validada pela verbal, para que haja um significado comum. O que dá significado às nossas interações com o outro é a percepção que se traduz na habilidade para decodificar as mensagens verbais e não verbais. A comunicação não-verbal é a que se dá na interação das pessoas, por meio das expressões faciais e corporais, que podem também demonstrar o estado físico e emocional da pessoa com quem nos comunicamos (STEFANELLI, 1993 e 2005a).

“... o corpo fala, querendo ou não você sabe o que funciona através do seu corpo, às vezes você não quer se comunicar falando, você está mais quieta, os colegas já falam, o que você tem? Você não está bem? Não, eu estou bem. Não, você não está bem, eu estou vendo teu rosto, está diferente.”

No estabelecimento de uma comunicação não-verbal utilizamos o corpo, com suas características físicas e gestuais, além das posturas corporais e a distância entre as pessoas. É possível perceber, por exemplo, quando uma pessoa está interessada em outra, pois apresenta alguns comportamentos e expressões que são típicos dessa situação como a troca de olhares, aproximação e geralmente, movimentação da cabeça em sinal de prestar atenção ao que ela diz (SILVA, 2005).

A linguagem não verbal se origina de três fontes. A primeira fonte é herdada, faz parte do desenvolvimento neurológico do sujeito e pode ser verificada pela expressão da alegria, tristeza, vergonha, surpresa, por intermédio do nosso corpo. A segunda fonte é relacionada ao atendimento das necessidades básicas do ser humano, como é o caso do bocejar, quando se está com sono. A terceira fonte é constituída pela cultura, classe social e experiências que os indivíduos têm em suas famílias, como exemplo, um olhar dos pais direcionado aos filhos significando o pedido para “ficarem quietos” (SILVA, 2005).

É importante que haja o conhecimento desses códigos não verbais e as suas funções, que auxiliarão no estabelecimento de uma relação mais efetiva com as pessoas. Quanto mais a pessoa se conhece e sabe o que esta expressando, terá maior desenvoltura

em suas relações interpessoais. Já que o conhecimento que a pessoa possui a respeito dos sinais de comunicação possibilita a percepção e avaliação do grau de aceitação do outro (SILVA, 2005).

Para os participantes, a comunicação tem importância em vários aspectos da vida humana: perceber o outro, promover a interação, contribuir na aprendizagem, no desenvolvimento, dentre outros. Os participantes, ao se referirem a respeito das funções da comunicação, relataram qual é a sua importância para o desenvolvimento da pessoa, pois é essa interação que possibilita trocar experiências e conhecimentos. De uma maneira geral, as funções da comunicação que encontramos no referencial estudado, foram mencionadas pelos participantes: “investigação, informação, persuasão e entretenimento” (STEFANELLI, 1993 p. 34).

Observei que os participantes possuem consciência de que a falha na comunicação repercute diretamente sobre o processo ensino aprendizagem, sentida como obstáculo da prática educativa docente, desencadeando nas pessoas e, principalmente, nos estudantes, manifestações como a não satisfação das necessidades de inclusão e afeição. Eles também trazem que a falha na comunicação geralmente acarreta diversas dificuldades.

“Acho que a comunicação tem uma importância fundamental, para a aprendizagem, para a interação. Eu diria que, os grandes problemas que hoje temos é a falta de comunicação. A falta de comunicação gera dificuldades, tanto na escola, quanto nos relacionamentos familiares”.

“Uma das funções da comunicação é a relação entre as pessoas, promove a interação dos mesmos, ela pode ser tanto visual, escrita ou verbal, e que tem um papel fundamental principalmente na educação, ou na família (...) e se ela for falha pode ocorrer vários problemas durante sua interação”.

“Acho que sem comunicação não há desenvolvimento, porque não tem como você se desenvolver enquanto ser humano se você não se comunicar de alguma forma, seja por gestos, seja por palavras, seja pelo meio que você vai usar para essa comunicação, porque tudo se dá através da comunicação”.

É importante dizer que os professores reconhecem a necessidade de aprender a se comunicar de forma mais adequada, pois assim o professor estará cumprindo com a sua função social e transformadora que é possibilitar o desenvolvimento humano em vários aspectos.

“Mas às vezes é falta de treino, uma licenciatura, didática. Eu acho que o professor tinha que ter uma didática para lidar com o ser humano, uma comunicação e postura melhor em sala, porque quem tem só a parte técnica, não tem essa parte. Talvez a mulher ainda tenha mais”.

Entendo que os professores que se sensibilizarem para o conhecimento da comunicação terapêutica e despertarem para o seu uso na prática educativa, desenvolvendo competências e capacidades interpessoais, terão mais chances de estabelecer um relacionamento efetivo com os estudantes adolescentes; percebo que eles são carentes de pessoas que mantenham uma relação interpessoal efetiva e afetiva com eles.

5.3.5.1 O professor reconhece a função terapêutica de sua comunicação

Quando interrogados a respeito do que é comunicação terapêutica, os participantes responderam o que identificavam na prática docente que desempenham na escola. Colocaram vários exemplos em que atuam de forma terapêutica e as estratégias que utilizam, como: escutar reflexivamente, cultivar uma relação de confiança entre o professor e o estudante e as estratégias para ajudar em sua expressão. Identifico, de acordo com o disposto no referencial teórico deste trabalho, as estratégias que os professores utilizam para exercer o seu papel terapêutico, quando se relacionam com os seus alunos, em dois grupos. O de expressão: *ouvir reflexivamente, usar terapêuticamente o silêncio, verbalizar aceitação, verbalizar interesse e grupo de clarificação: solicitar ao estudante que precise o agente de ação e descrever os acontecimentos em seqüência lógica.*

“Quando você estava falando, me veio na mente a busca de solução, não sei porque, mas busca de solução para problemas, dúvidas. Então comecei a refletir, o tema, e pensei justamente nisso, a questão de você ouvir, mas não é só o ouvir, do meu ponto de vista, é um ouvir de você interagir com esse aluno, buscando sempre essa solução”.

“Pra mim, já me vem mais a parte de analisar, de análise. A pessoa me fala uma coisa, então eu fico analisando aquilo que a pessoa está falando e fazendo algumas intervenções para que ela mesmo descubra, através da sua própria fala, a solução”.

“A palavra terapêutica, eu vejo como uma análise mesmo. Porque quando você está falando para alguém, e alguém está te ouvindo, às vezes, você mesmo acha alguma solução. Você começa a analisar aquilo que você está falando, e você escuta tua

própria voz e aquele problema que você está falando, nem estou esperando que a pessoa me dê uma solução, eu consigo organizar as idéias e acabo eu mesmo chegando a alguma solução.”

“A maioria das pessoas querem alguém para ouvi-las, muitas vezes você só quer que a pessoa te escute, porque às vezes, você, a pessoa, vai dar uma solução que não cabe a você, e às vezes vai dar um palpite que você analisa e não cabe.”

“Eu acho que a terapia é o aluno conversando com o professor, muitas vezes o próprio professor só escutando o que ele tem a dizer, ele mesmo analisa e vê que aquela posição que ele defende não é correta.”

Quando o adolescente estiver satisfeito em relação às necessidades de ser aceito, amado e valorizado, como pessoa, experimentará segurança e confiança. A pessoa sentirá que está mais apta a expressar seus sentimentos, pensamentos e, livre de ansiedade, poderá aspirar satisfazer outras necessidades (STEFANELLI, 1993 e 2005c). Pude observar, de forma muito intensa, a questão da confiança que os estudantes possuem na escola e nos professores. As falas expressadas pelos participantes são bem claras:

“Já aconteceu de eu estar argumentando e a menina, quieta, e eu falando, o que está acontecendo é isso, isso, e isso. Ela ficou quieta, de repente, começou a chorar, quer dizer, ela tava pensando sobre aquilo, se arriscando a falar, fala, fala, fala, daí ela conta da vida dela para gente. E ela expõe todas as dificuldades que têm em casa, na família e na escola mesmo, devido à confiança”.

“Depois que eles pegam confiança na gente, porque as meninas não falam para as mães, elas vêm aqui e se abre, falando dos problemas, das dificuldades. Com a gente é outra realidade, é diferente”.

“Um dia uma criança foi atropelada na rua e veio correndo aqui para escola. Às vezes, a tensão é tão grande que a pessoa se condiciona. A escola é um porto seguro, lá eu sei que, quem me atropelou talvez eu não conheça, com certeza não conhece, então eu vou procurar alguém que eu conheça, então recorre à gente”.

Percebo que as relações interpessoais que acontecem entre professores e estudantes devem ser as mais significativas possíveis, pois ao vivenciá-la os estudantes poderão também aprender com as atitudes dos professores. Essas ações formam moralmente os alunos. Portanto, se as relações forem respeitadas, equilibradas e baseadas na coerência, equivalerão a uma relação de respeito mútuo que significa acreditar em sua dignidade e valor, independente de seu comportamento. A habilidade de a pessoa desenvolver a empatia está intimamente relacionada aos sentimentos de

confiança, envolvimento emocional e respeito mútuo que ocorrem no relacionamento interpessoal e outro aprende pela experiência (STEFANELLI, 2005b).

A seguir, os relatos dos professores expressam como eles fazem para que o seu relacionamento seja terapêutico, utilizando o saber ouvir e a permanecer em silêncio.

“É incrível, porque quando você coloca eles para pensar nas atitudes, no que aconteceu, geralmente eles não falam, é difícil tirar alguma coisa deles. Mas eu creio que aquele silêncio que eles ficam, quando estamos argumentando alguma coisa, faz com que eles reflitam sobre a sua ação”.

“Algum efeito vai existir. Então a gente tem que ser bastante paciente e saber que esse silêncio é da terapêutica também, ele surge daí também, você faz uma pergunta ou então faz eles pensar em alguma coisa, refletirem alguma coisa, e aquela criança, aquele adolescente fica ali, você não pode fazer nada, tem que ficar quieta”.

“Não sei, em sala, por exemplo, quando a gente pára tudo. É uma forma?”

“Escutar o outro. Não criticar. Aceitar o que a pessoa fala. Não fazer cara. Não chamar a atenção de forma a causar constrangimento”.

“A minha forma geralmente é assim, quando eu chamo alguém, eu chamo o pai e a criança junto. Então eu digo: agora você sabe porque eu chamei seu pai, então fale para o seu pai porque eu chamei ele aqui. Daí ele que conta, ou não conta, ou fica quieto, ou já começa a chorar”.

“Geralmente o choro faz parte da função terapêutica e da função educativa do trabalho... é importante deixar que ele se expresse pelo choro, entendeu, porque na minha opinião, é uma interiorização que o aluno faz, que a criança faz do seu estado”.

“Eu acho que na maioria das vezes ela não consegue se comunicar, não consegue colocar pra fora aquilo que está incomodando ou aquilo que ela não consegue resolver. Enfim, conflitos. E através desse diálogo, dessa escuta, desse terapeuta, a pessoa pode ser ajudada”.

As estratégias para tornar terapêutica a comunicação, não devem ser utilizadas como uma receita pronta, ao contrário, têm de ser individualizados para cada ser humano. Esses guias estimulam a verbalizar e clarificar seus sentimentos e pensamentos, ajudar a perceber as relações entre causa e efeito e a identificar sua participação na experiência. Então, é necessário o desenvolvimento da competência interpessoal em utilizar essas técnicas de comunicação (STEFANELLI, 1993 e 2005c).

Quando usadas corretamente, as estratégias do grupo de expressão, levam a pessoa que recebe ajuda a descrever e detalhar suas experiências, refletir em relação a elas e expressar seus sentimentos sobre as mesmas. Dessa maneira, auxilia a pessoa

compreender a sua própria experiência, facilitando assim, uma abertura em sua defesa para perceber seus problemas de modo mais saudável, com alívio da sensação de ansiedade (STEFANELLI, 1993).

Ouvir reflexivamente, apesar de parecer algo passivo e paciente, é um processo ativo que necessita concentração e atenção, além de energia para concentrar-se no que é expresso pela pessoa. Nesse processo de ouvir é necessário ficar atento para não julgar o pensamento exposto pela pessoa e pensar reflexivamente a respeito do que está sendo dito, tentando entender também o que está sendo transmitido por meio da observação da comunicação não-verbal e paraverbal, concentrando toda a atenção na pessoa que está transmitindo a mensagem (STEFANELLI, 1993).

O ouvir reflexivamente impõe um gasto de energia para compreender as informações da outra pessoa, e o êxito do relacionamento entre o professor e o estudante adolescente depende, em grande parte, dessa capacidade. Sendo que especialmente por meio do “ouvir reflexivo”, associado ao “valor do silêncio”, que o professor pode conhecer a experiência do seu aluno e identificar seus sentimentos, problemas e necessidades com mais segurança. Participar do silêncio não é uma tarefa simples, porém essencial para o desenvolvimento da comunicação terapêutica. O silêncio é uma forma adequada de comportamento quando oportuniza as pessoas tempo e reflexão para reorganização e avaliação de seus pensamentos e sentimentos (STEFANELLI, 2005c p.80). Na relação estabelecida em sala de aula a palavra do professor pode ter muitas conseqüências na vida do estudante adolescente oferecendo, inclusive, elementos para que ele mude seu comportamento. O professor pode, não só motivar e auxiliar o adolescente, como também silenciá-lo.

Por meio da satisfação da necessidade de ser aceito, condição essencial e fundamental para que possamos coexistir, é que a pessoa sente-se confiante e disposta para iniciar uma interação com o outro. Dessa maneira, o professor deverá transmitir essa aceitação ao estudante adolescente, pela expressão da empatia, de forma verbal e não verbal, sem atribuir juízo de valor (STEFANELLI, 1993 e 200b).

Os participantes, no desempenho de suas funções, descreveram situações em que identifiquei também modos não terapêuticos, que representam obstáculo para o desenvolvimento da prática docente, da convivência harmoniosa na escola e, conseqüentemente, um processo educativo efetivo e participativo: *não saber ouvir, comunicar-se unidirecionalmente.*

“A comunicação terapêutica é o ouvir, ouvir e ouvir, para que enquanto você escuta, você fundamenta, escuta dentro daquilo que você já conhece, para você poder dar suporte e ajudar alguém. Então, em sala de aula na relação professor/ aluno, acho que acontece bem esse lado mesmo sabe, de repente você chegar a ouvir, ouvir o aluno, ouvir o pai, ouvir a mãe, ouvir as angústias e poder trabalhar.”

“Apesar de que eu acho que não sou uma boa ouvinte, porque eu me deparo várias vezes, eu tenho que me policiar, porque eu não sou uma boa ouvinte, eu falo mais do que eu ouço e eu digo pros meus alunos que eles têm duas orelhas e uma boca, tem que ouvir o dobro do que fala”.

“Sem uma barreira, porque eu acho que a comunicação em algumas partes ela não existe por causa de uma barreira que se forma, eu acho assim, professor assim em sala tem uma postura, que nem ela disse, ele precisa ter essa postura e às vezes, isso é uma barreira.”

“E às vezes o próprio professor, ele tem uma barreira com o aluno, às vezes por falta de comportamento, por coisas assim. Eu acho que a comunicação ela tem ida e volta, um canal mesmo que flua, que não tenha nenhum obstáculo”.

“Sabe que às vezes falamos assim, por causa da autoridade dos professores, tem na sala a ameaça que vou tirar tua nota, eu vou fazer isso, vou fazer aquilo, isso também, porque muitas vezes, a turma é de maior, pressiona o professor em sala de aula.”

“O que os menores não fazem, os maiores fazem, então, é coisa que você já percebeu. Eles vêm e falam para gente exatamente aquilo que o professor disse e muitas vezes, o professor começa a questionar, então, o aluno fica quieto naquele momento. Olha professora, a senhora usa determinado vocabulário em sala de aula, isso não é conveniente e tal, e você já conhece, e ele também sabe, mas ele continua ameaçando.”

“Desculpa, mas não dá, falta muito professor nessa escola, de manhã e de tarde, é um auê do inferno, tem alunos pra todo lado, você fica com duas turmas, isso quando os alunos não ficam atrás de você.”

Do mesmo modo que existem técnicas, estratégias ou guias para fazer com que a comunicação torne-se terapêutica, Stefanelli (1993, 2005b), também elenca que na comunicação diária, social e profissional, o que se pode encontrar o que ela denomina de comunicação não terapêutica, como *o não saber ouvir o estudante de modo reflexivo*. Para que essas deficiências sejam corrigidas na comunicação, precisará primeiramente, que a pessoa possua a consciência do fato e desenvolva sua habilidade de ouvir reflexivamente.

As barreiras na comunicação são elementos que podem impedir ou dificultar a relação interpessoal (STEFANELLI, 1993). Na relação que o professor estabelece com o estudante adolescente, especificamente, é necessário atentar para eliminar o máximo

de barreiras possíveis, tendo em vista que a comunicação com o adolescente já é prejudicada devido às transformações transicionais.

Em um modo amplo, é possível afirmar que o professor possui a atribuição peculiar de ensinar. Essa transmissão de conhecimento e informação pode ser encaminhada para diversas finalidades. Na ótica do magistério, por sua natureza, essa instrução é um processo pedagógico que tem como objetivo o que é bom, útil e necessário à educação das pessoas. Em alguns casos, há professores que ensinam deseducando, ainda que, talvez, não percebam sua atitude dotada de absoluto autoritarismo. Lecionam anulando e causando traumas aos seus alunos, com ameaças capazes de inibir e desestimular as iniciativas dos jovens, sendo que, justamente por seu papel, deveriam sustentar e ampliar suas potencialidades (RUDIO, 1991).

5.3.5.2 A especificidade da comunicação do adolescente

Os participantes explicitaram que os adolescentes possuem um modo próprio de se comunicar. Para o professor estabelecer uma relação interpessoal efetiva com seus alunos, ele tem de se comunicar, clarificando e validando esta comunicação. Ressaltamos que para haver a comunicação é necessária uma linguagem comum, no entanto, os adolescentes possuem uma linguagem própria. Então, é necessário que os professores tenham conhecimento acerca dessa linguagem para que possam estabelecer uma comunicação efetiva com seus estudantes. Isso contribuirá para que o professor possa atender as necessidades educativas e expressivas de seus alunos, bem como das características específicas da adolescência, do ponto de vista do adolescente, e não de acordo com as suas próprias concepções. Apesar de muitas vezes não parecer fácil entender as gírias ou linguagem dos adolescentes, os professores precisam se esforçar para aprender seu repertório, a fim de poder partilhar com eles suas idéias, compreendendo-os e ajudando-os no processo de adolecer, oferecendo-lhes elementos para que possam também reestruturar suas vidas.

“A gente tem que aprender o vocabulário dos alunos, que às vezes eles falam, mas não falam por maldade e tem professor que leva para esse lado, aí começa a bater boca.”

“A questão da gíria às vezes dificulta a comunicação. Eles utilizam algumas gírias: tipo assim. De manhã, é um tipo assim. Mas o que é tipo assim, eu já perguntei para um deles? Ah, é uma coisa que tá coisando, eles dizem”.

“Professora, deixa eu pegar um bagulho aí na mala? Não dá nada.”

Para estabelecer uma comunicação adequada é necessário que a pessoa adquira a capacidade de compreender o significado da mensagem em todos os aspectos. Assim sendo, é preciso que no intercâmbio de mensagens, elas tenham significado comuns, para não afetar o significado da comunicação que está ocorrendo. Então, é imperativo conhecer a linguagem, vocabulário, expectativas e crenças, tendo uma idéia da bagagem cultural e experiência de vida que a pessoa com quem se está comunicando possui, além do seu grau de conhecimento, a fim de não tornar a comunicação difícil ou impossível. A dimensão intelectual permite que os seres humanos comuniquem-se sobre o presente e, façam inclusão de fatos do passado com projeção para o futuro (STEFANELLI, 1993 e 2005a).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este trabalho, explicito na introdução o que me motivou a realizá-lo, foi a observação de como se estabeleciam as relações interpessoais entre professores e estudantes adolescentes, as quais percebia como conflitivas, intempestivas e com pouca resolutividade. Essa observação resultou em inquietação que me impulsionou a utilizar conhecimentos a respeito da relação de ajuda, estudados durante a realização do trabalho de conclusão de curso de especialização, que fizera na mesma instituição - campo dessa pesquisa - e a buscar novos referenciais teóricos que sustentassem no desenvolvimento de um trabalho com os professores no enfoque da relação interpessoal com o adolescente.

Entretanto, tinha a consciência de que se tratava de tarefa difícil e na qual teria de traçar uma metodologia de trabalho para agir de maneira a contribuir com aquelas pessoas. Nos estudos teóricos que embasaram essa investigação, verifiquei que o adolescente encontra-se em uma fase peculiar do desenvolvimento devido às grandes transformações biológicas, sociais e psicológicas que enfrenta em um curto espaço de tempo. Ainda, constatei que a escola representa uma importante aliada, para ajudar esse jovem na vivência dessa fase do desenvolvimento humano, tendo em vista que é nesse local que ele pode ter referenciais saudáveis, modelo para sua vida pessoal e profissional advindo do professor. É um local privilegiado, pois o adolescente passa aproximadamente 30% do seu dia interagindo com os colegas, professores e outros atores da comunidade escolar. Nesse sentido, o professor também é responsável pela educação e qualidade das relações que este adolescente possui com a sociedade.

A necessidade de uma atuação com os professores para que pudessem melhorar a qualidade das relações interpessoais estabelecidas no meio escolar é algo que precisa ser aprimorado. Apesar de observar na escola que as relações interpessoais não são sempre permeadas pela tranquilidade e suavidade, algumas até mesmo agressivas e não terapêuticas, é possível os professores também desenvolver relações que incluam a atenção, dedicação, conforto, paciência e sensibilidade, além da transmissão dos conteúdos curriculares.

No meu dia-a-dia de trabalho no colégio, percebi que os professores e os estudantes, bem como suas famílias, se reportavam à coordenação pedagógica para tratar dos assuntos pertinentes a notas e mau comportamento na escola. Trabalhar,

portanto, com os membros da coordenação pedagógica facilitaria o alcance dos demais professores, os estudantes e suas famílias, pois esses profissionais constituem simbolicamente o pilar das relações que ocorrem na escola. Durante as Discussões de Grupo, participaram, além de alguns membros da coordenação pedagógica, professores que convivem com adolescentes, o que contribuiu ainda mais para o enriquecimento das discussões.

Por meio das Discussões de Grupo, foi possível alcançar o primeiro objetivo que foi apreender de como o professor percebe as relações interpessoais do estudante adolescente. Assim, os professores identificaram o processo de adolecer como sendo único para cada ser, configurando-se em distintas formas de vivenciá-lo. Contudo, senti que esses participantes tiveram dificuldade em apresentar suas idéias em relação ao desenvolvimento cognitivo dos adolescentes e mostraram-se com conhecimentos insuficientes acerca das drogas e da sexualidade, pois se sentem inseguros frente a essas situações.

Quando o assunto em pauta foi família, percebi que os professores reconhecem a importância desta para o adolescente. Sabem que bons níveis de comunicação familiar são descritos como formas de diminuição dos problemas comportamentais típicos do adolescente. Percebem as diferenças entre os diversos tipos de famílias que se encontram em seu cotidiano e como isso interfere nas relações interpessoais.

Nas discussões sobre comunicação humana e terapêutica, pude perceber que os professores reconheceram o que é uma comunicação efetiva e mostraram-se preocupados em apontar os entraves que surgiam nas suas relações com os alunos. Também a partir desses dados, constatei que os professores observaram que existem outras formas de comunicação como a não verbal. Exemplificando, inclusive, experiências que tiveram, fazendo o uso dessa.

Os dados obtidos parecem confirmar que os professores percebem em sua função docente um papel terapêutico. Isso vai ao encontro de meus pressupostos iniciais de que uma relação estudante-professor com características positivas, menos conflitiva e fornecedora de confiança, é possível com conhecimento das transformações inerentes à fase da adolescência por parte dos professores. Já a falta desse conhecimento constitui entrave para um relacionamento interpessoal capaz de promover o bem-estar e todos os outros benefícios inerentes a uma boa comunicação.

Os professores identificaram que podem utilizar as estratégias da comunicação terapêutica tanto em sala de aula e na escola, como também em casa com sua família e

em todas as relações interpessoais que estabelecem. O que confirma outro pressuposto deste trabalho de que a apropriação, pelos docentes, de conhecimentos de comunicação humana e terapêutica pode contribuir no estabelecimento de uma relação interpessoal mais eficaz entre estudante e professor.

Considero que o segundo objetivo deste trabalho, que era sensibilizar os professores para efetivas relações interpessoais com o estudante adolescente, foi alcançado, pois ao término deste trabalho em que pude fazer uma análise das participações dos sujeitos nas Discussões de Grupo pelo material oriundo das gravações e anotações e, em especial do fechamento no último encontro, em que lhes indaguei como avaliavam as atividades desenvolvidas.

Ficou explícito que, em seus relatos, eles reconheceram que é possível se empenhar no desenvolvimento e aprimoramento na capacidade interpessoal modificando suas relações com os estudantes adolescentes, utilizando as técnicas da comunicação terapêutica como sustentação.

Os participantes externaram que os conteúdos discutidos, acerca da adolescência, família, sociedade, comunicação humana e terapêutica, foram pertinentes e de grande valia, servindo para elucidar questões presentes no cotidiano escolar. Eles afirmaram que o trabalho oportunizou-lhes reflexão a respeito de como tem se estabelecido às relações interpessoais, que por vezes se mostram conflituosas e até desconfortáveis, mas que também, apesar disso, há momentos em que conseguem oferecer ajuda. Reconheceram ainda que esses temas deveriam ser discutidos com todos os professores e demais membros da comunidade escolar incluindo o mesmo material de apoio pedagógico que utilizei para teorizar após cada Discussão de Grupo, pois, nos seus entendimentos, o modo de condução das discussões foi ao encontro de suas necessidades e expectativas. Isso proporcionaria um conhecimento extensivo dos conteúdos e permitiria o compartilhar entre eles resultando em benefício ao estudante de conviver em uma comunidade em que as pessoas tenham melhor compreensão e, conseqüente visão ampliada do seu processo de adolescência.

Ao finalizar esse trabalho, que teve como sujeitos profissionais da área da educação, vislumbro novos rumos para a enfermagem, pois compreendo que o trabalho da enfermagem vai além do modelo biomédico, podendo ser exercido em qualquer lugar, a fim de ajudar qualquer pessoa, tanto na prevenção de doenças, quanto na promoção da saúde e nesse estudo, na aprendizagem. Assim, não tive a pretensão de esgotar a discussão da relação interpessoal entre professor e estudante adolescente, mas

suscitar reflexões e estudos que provoquem novas discussões, entendimentos e superação dessas concepções, com o intuito de contribuir com a escola e para subsidiar os professores a trabalharem com esta temática e/ ou outras relacionadas com a relação interpessoal em prol da saúde mental dos adolescentes e melhor compreensão destes pelos professores, com vistas a um aprendizado na real acepção da palavra - complementando o aspecto cognitivo, afetivo e social, de modo a cuidar na totalidade do ser.

REFERÊNCIAS:

- ABERASTURY, A. O adolescente e a liberdade. In: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto alegre: Artes Médicas, 1981.
- AVANCI, R.C. O adolescente que tenta suicídio: estudo epidemiológico em uma unidade de emergência. 2004. 82f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- BARROS, C.S.G. **Pontos de psicologia escolar**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2000.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 05 de outubro de 1988.
- _____. Decreto Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e da outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 10 de janeiro de 1991.
- _____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 196 de 10 de outubro de 1996. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.
- BENJAMIN, A. **A entrevista de ajuda**. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes; 2001.
- BOARINI, M. L. Refletindo sobre a nova e velha família. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 8, n. esp, 2003.
- CAPLAN, G. **Princípios de psiquiatria preventiva**. Buenos Aires: Paidós, 1966.
- CARDOSO, C.P; COCCO, M.I.M. Projeto de vida de um grupo de adolescentes à luz de Paulo Freire. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. São Paulo, v.11, n.6, nov/dez, 2003.
- CARVALHO, E.C. BACHION, M.M. Abordagens teóricas da comunicação humana e sua aplicação na enfermagem. In: STEFANELLI, M.C; CARVALHO, M.C.; (orgs). **A comunicação nos diferentes contextos da enfermagem**. Barueri, SP: Manole, 2005.
- CARVALHO, I.M.M.;ALMEIDA, P.H. Família e proteção social. **São Paulo Perspec.** São Paulo, v.17, n.2, p.,abr/jun. 2003.
- CARVALHO, M.C.B. O lugar da família na política social. In: CARVALHO, M.C.B. (org). **A família contemporânea em debate**. São Paulo, SP: EDUC/Cortez, 2000.
- CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M.C.S (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 23 ed, 2004.
- D'ANDREA. F.F **O desenvolvimento da personalidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 10 ed. 1991.

FERRETTI, C.J; ZIBAS, D.M.L.; TARTUCE, G.L.B.P. Protagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio. **Cad. Pesqui.**, v.34, n.122, p.411-23, maio/ago., 2004.

FONSECA, A.D.; GOMES, V.L.O. Manifestações de gênero no processo de adolescer. **Acta Scientiarum.** Health Sciences, Maringá, v.26, n.1, p.231-7, 2004.

FIA. FUNDAÇÃO PARA A INFÂNCIA E ADOLESCENCIA (fia). Disponível em: www.fia.rj.gov.br.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Sexualidade, prazer em conhecer**: livro do professor. Rio de Janeiro: MCE, 2001. Convenio: Fundação Roberto Marinho e Schering do Brasil

GADOTTI, M. **Histórias das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2004.

JESUS, M.C.P. Educação sexual e compreensão da sexualidade na perspectiva da enfermagem In: ABEN. **Projeto acolher**: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro. Associação Brasileira de enfermagem, Brasília: ABEn/Governo Federal, 2000.

JOSÉ, E.A; COELHO, M.T. **Problemas de aprendizagem**. 12 ed. São Paulo: Ática, 1999.

KAPLAN, H.I; SADOCK, B.J; GREBB, J.A. **Compêndio de psiquiatria**: ciências do comportamento e psiquiatria clínica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LARAIA, R.B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 8ed 1993.

LEVISKY, D.L. **Adolescências pelos caminhos da violência**. São Paulo: Casa do psicólogo, 1998.

LIBÂNEO, J.C. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2004, p.319.

MAFTUM, M.A. **A comunicação terapêutica vivenciada por alunos do curso técnico de enfermagem**. 2000. 87f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Curso de Pós Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MARCON, S.S; WAIDMAN, M.A.P. A enfermagem frente a problemas de relacionamento na família. **Rev. Bras. Enfem**, Brasília (DF); v.56, n.3, p.248-53, mai/jun., 2003.

MARQUES, M.F.C.; VIEIRA, N.F.C.; BARROSO, M.G.T. Adolescência no contexto da escola e da família – uma reflexão. **Fam. Saúde Desenv.**, Curitiba, v.5, n.2, p.141-6, mai/ago., 2003.

MATHIAS, M.V. **O mundo de um educador**: um educador no mundo. São Paulo: Ciência e arte, 1999.

MELEIS, A.I. **Theoretical nursing**: development e progress. Philadelphis: Lippincott, 2ed, 1997.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 8 ed., 2004.

MINUCHIN, S. **Famílias: funcionamento & tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MIRANDA, M.I.F; FERRIANE, M.G. **Políticas públicas sociais para crianças e adolescentes**. Goiânia: AB, 2001.

MOREIRA, D.S. O consumo de drogas entre os estudantes. **Rev. Bras. de Enferm.** Brasília, v.49, n.4, p.581-94, out/dez, 1996.

MOREIRA, L.L.S; QUEIROZ, I.M.B. **A escola promotora de saúde**. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2001/se1/se1txt2.htm>>. Acesso em: 03 de abr. 2006 às 17:44 horas.

MUNHOZ, F.J.S.; CENTA, M.L.; LENARDT, M.H. A influencia dos mitos na família: uma reflexão com vistas a um cuidado congruente no programa saúde da família. **Fam. Saúde Desenv.**, Curitiba, v.6, n.2, p.146-153, mai/ago., 2004.

OLIVEIRA, L.A.C. O papel da família na prevenção primária precoce do uso, abuso de dependência de drogas. **O mundo da saúde**. São Paulo, v.25, n.3, jul/set., 2001.

ORTEGA, R.; DEL REY, R. **Estratégias educativas para a prevenção da violência**. Trad. Joaquim Osório. Brasília: Unesco UCB, 2002.

PATRICIO, Z. M. O cuidado com a qualidade de vida dos adolescentes: um movimento ético e estético de “koans e tricksters”. In: ABEN. **Projeto acolher**: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro. Associação Brasileira de enfermagem, Brasília: ABEN/Governo Federal, 2000.

PAVÃO, S.M.O; COSTENARO, R.G.S.; DIAS, A.C.G. **Saúde na escola**: metodologia de abordagem interdisciplinar para a educação. Santa Maria: UNIFRA, 2005.

PRIOTTO, E.M. Projeto “Despertar da Adolescência – Atenção Integral na fase Adolescer” – Relato de Experiência. **Cogitare Enferm.** Curitiba, v.7, n.1, p.55-60, jan/jun., 2002.

RAMOS, F.R.S. Bases para uma resignificação do trabalho de enfermagem junto ao adolescente. In: ABEN. **Adolescer**: compreender, atuar, acolher. Projeto acolher / Associação Brasileira de enfermagem, Brasília, 2001.

RODRIGUES, A.R.F. **Enfermagem psiquiátrica**: saúde mental: prevenção e intervenção. São Paulo: EPU, 1996.

RUDIO, F.V. **Compreensão humana e ajuda ao outro**. Petrópolis: Vozes, 1991.

RUDIO, F.V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 31ed., 2003.

SAITO, M.I. Adolescência, cultura, vulnerabilidade e risco. **Pediatria**. São Paulo, v.22, n.3, p.217-9, 2000.

SARTI, C.A. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, M.C.B. (org). **A família contemporânea em debate**. São Paulo, SP: EDUC/Cortez, 2000.

SERAPIONI, M. O papel da família e das redes primárias na reestruturação das políticas sociais. **Ciência & Saúde Coletiva**. v.10, n.sup, p.243-253, 2005.

SILVA, M.J.P. O aprendizado da linguagem não verbal e o cuidar. In: STEFANELLI, M. C; CARVALHO, M.C.; (orgs). **A comunicação nos diferentes contextos da enfermagem**. Barueri, SP: Manole, 2005.

SOUZA, M.P.R.; TEIXEIRA, D.C.S.; SILVA, M.C.Y. Conselho Tutelar: um novo instrumento social contra o fracasso escolar?. **Psicologia em estudo**. Maringá, jul./dez., v.8, n.2, p.71-82, 2003.

SOUZA, R.C.; PEREIRA, M.A.A.; KANTORSKI, L.P. Escuta Terapêutica: Instrumento essencial do cuidado de Enfermagem. **R. Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, v.11, p.92-97, 2003.

SPINDOLA, T; SANTOS, R.S. Mulher e trabalho – a história de vida de mães trabalhadoras de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. São Paulo, set-out,v.11, n.5, p 593-600, 2003.

STEFANELLI, M.C. **Comunicação com o paciente**: teoria e ensino. São Paulo: Robe, 1993.

_____. Conceitos teóricos sobre a comunicação. In: STEFANELLI, M.C; CARVALHO, M.C.; (orgs). **A comunicação nos diferentes contextos da enfermagem**. Barueri, SP: Manole, 2005a.

_____. Introdução à comunicação terapêutica. In: STEFANELLI, M.C; CARVALHO, M.C.; (orgs). **A comunicação nos diferentes contextos da enfermagem**. Barueri, SP: Manole, 2005b.

_____. Estratégias de comunicação terapêutica. In: STEFANELLI, M.C; CARVALHO, M.C.; (orgs). **A comunicação nos diferentes contextos da enfermagem**. Barueri, SP: Manole, 2005c.

STEFANELLI, M.C.; CARVALHO, M.C; ARANTES, E.C. Comunicação e enfermagem. In: STEFANELLI, M.C; CARVALHO, M.C.; (orgs). **A comunicação nos diferentes contextos da enfermagem**. Barueri, SP: Manole, 2005.

SZYMANSKI, H. Teorias e “teorias” de famílias. In: CARVALHO, M.C.B. (org). **A família contemporânea em debate**. São Paulo, SP: EDUC/Cortez, 2000.

_____. **Significado de avaliação para mães de uma escola estadual da região central de São Paulo**. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_22_p069-074_c.pdf>. Acesso em: 24 de out. 2006 às 14:44 horas.

TIBA, I. **Adolescência**: o despertar do sexo – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações. São Paulo: Gente, 1994.

_____. **Sexo e adolescência**. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.

TRAVELBEE, J. **Intervencion em enfermagem psiquiátrica**. 2 ed. Cali: Organización Panamericana de la Salud, 1982.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciência sociais**: pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WAGNER, A.; FALCKE, D.; SILVEIRA, L.M.B.O; MOSNNAM, C.P. A comunicação em família com filhos adolescentes. **Psicologia em estudo**. Maringá, v.7, n.1, p.75-80, jan/jun., 2002.

ZAGONEL, I.P.S. **O ser adolescente gestante em transição sobre a ótica da enfermagem**. Pelotas: Editora Universitária / UFPel; Florianópolis: UFSC, 1999.

ANEXOS

ANEXO I



COLÉGIO ESTADUAL SÃO PEDRO APÓSTOLO
ENSINO FUNDAMENTAL, MÉDIO E PROFISSIONAL
 Rua Primeiro de Maio, 1.160 - Xaxim - 81810-000 - Curitiba/PR
 Fone/Fax: (0xx41) 346-8989 - saopedroapostolo@ibest.com

COLÉGIO EST. SÃO PEDRO APÓSTOLO
 Ensino Fund., Médio e Profissional
 Rua 1.º de maio n.º 1160 - Xaxim
 Fone/Fax: (41) 346-8989 - CEP 81810-000
 Curitiba - Paraná

DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que a professora Hellen Roehrs, RG 6.469.502-9, está autorizada a realizar pesquisa de campo para sua monografia em nosso Estabelecimento de Ensino.

Para nós é uma satisfação colaborar com o engrandecimento do trabalho dessa excelente profissional.

Por ser verdade, firmamos a presente.

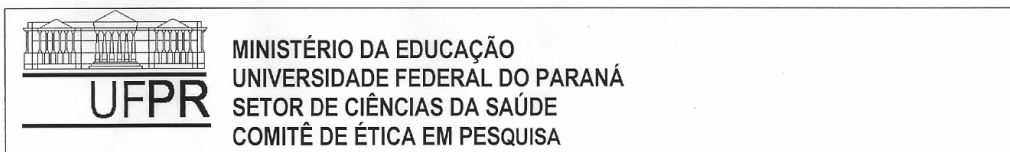
Curitiba, 21 de março de 2005.

Giovana Marchiori

Diretora Geral

Giovana Marchiori
 Res. 4254/03 - RG 4.400.687-1
 Diretora

ANEXO II



Curitiba, 23 de novembro de 2005.

Ilmo (a) Sr. (a)
HELLEN ROEHRS
Nesta

Prezado(a) Senhor(a):

Comunicamos que o Projeto de Pesquisa intitulado "A ADOLESCÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR: A COMUNICAÇÃO TERAPÊUTICA NA REALÇÃO PROFESSOR-ALUNO" está de acordo com as normas éticas estabelecidas pela Resolução nº 196/96 do Ministério da Saúde. Foi apresentado, analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR em reunião do dia 09 de novembro de 2005.

Registro **CEP/SD**: 212 SM 087.05.10. FR: 74445 CAE 0050.0.091.675-05

Sendo o que se apresenta para o momento, subscrevo-me,

Atenciosamente

Miguel Ibraim Hanna
Prof. Dr. Miguel Ibraim A. Hanna Sobrinho
Coordenador do Comitê de Ética em
Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde